

PERNAMBUCO



SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCÊ

Entenda a lógica de repetição da indústria do best-seller



E MAIS: FABRÍCIO CARPINEJAR FALA DA ANGÚSTIA DE LANÇAR LIVRO NOVO;
CRIMES E PORCELANAS NA ACADEMIA; E POR QUE A MANGABA AINDA IMPORTA?

GALERIA



MARCELO CAMARGO

“Na ausência do chefe, Rafael, o cozinheiro de um restaurante novaiorquino, posa para o ensaio “I AM NY”, que trata dos trabalhadores imigrantes que sustentam a economia da cidade.”
www.flickr.com/camargalo

CARTA DO EDITOR

A matéria de capa desta edição do Pernambuco investigaria quais leis e qual matemática regem o mercado editorial. Nossa ideia inicial era a de que existem certas regras que controlariam o nascimento dos best-sellers, aqueles livros mais vendidos, que estão até no nosso carrinho de supermercado. Mas, quando a repórter Carol Almeida foi em campo para entender o processo, percebeu que esse jogo não é tão simples quanto parece. Depois de um suspiro, Luciana Villas-Boas, diretora editorial da Record, foi desanimadoramente sincera diante da pauta. “Acho essa matéria que você está fazendo tão difícil. Acho que você vai penar”, afirmou para a repórter. O que Luciana gentilmente quis dizer é que “não”, ela não tinha receita. Carol Almeida acabou realizando um passeio, cheio de dúvidas e algumas descobertas, por aqueles livros que, como num passe de mágica, passam a povoar sem dó nosso imaginário... E as estantes de todas as livrarias!

Para simbolizar as estratégias do mercado editorial, o novo designer do **Pernambuco**, o talentoso Pedro Melo, concebeu uma ilustração de capa baseada na ideia de repetição – uma das constantes do mercado

de livros – como um jogo de baralho de cartas marcadas e amassadas.

Outro destaque dessa edição é o perfil que o jornalista Luís Fernando Moura fez de Roque de Brito Alves, novo imortal da Academia Pernambucana de Letras, um homem obcecado por crimes, porcelana, Coca-Cola e por literatura, claro. “Ao que Roque indica, o crime contemporâneo é uma paráfrase algo visceral dos tipos condenáveis da ficção ocidental. Só de Shakespeare, ele relembra Hamlet, ‘o criminoso louco’, Macbeth, ‘o criminoso com ambição política’ e Ricardo III, ‘o criminoso com complexo de inferioridade’. Sobre o caso de uma mulher abandonada pelo marido que, por vingança, resolveu matar os dois filhos, comentou Brito Alves, “Isso é Medéia, de Sófocles, 400 antes de Cristo. Ela pensou: ‘fui abandonada, então vou causar a ele uma dor eterna’”.

Na seção Inéditos deste mês, apresentamos um conto de Kleber de Oliveira Silva. Trata-se de um fulgurante conto *queer*, de linguagem rápida, certeira. Diante de um texto assim, a gente fica feliz em poder revelar novos talentos. Esperamos que vocês gostem. Até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:
Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Karina Freitas, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

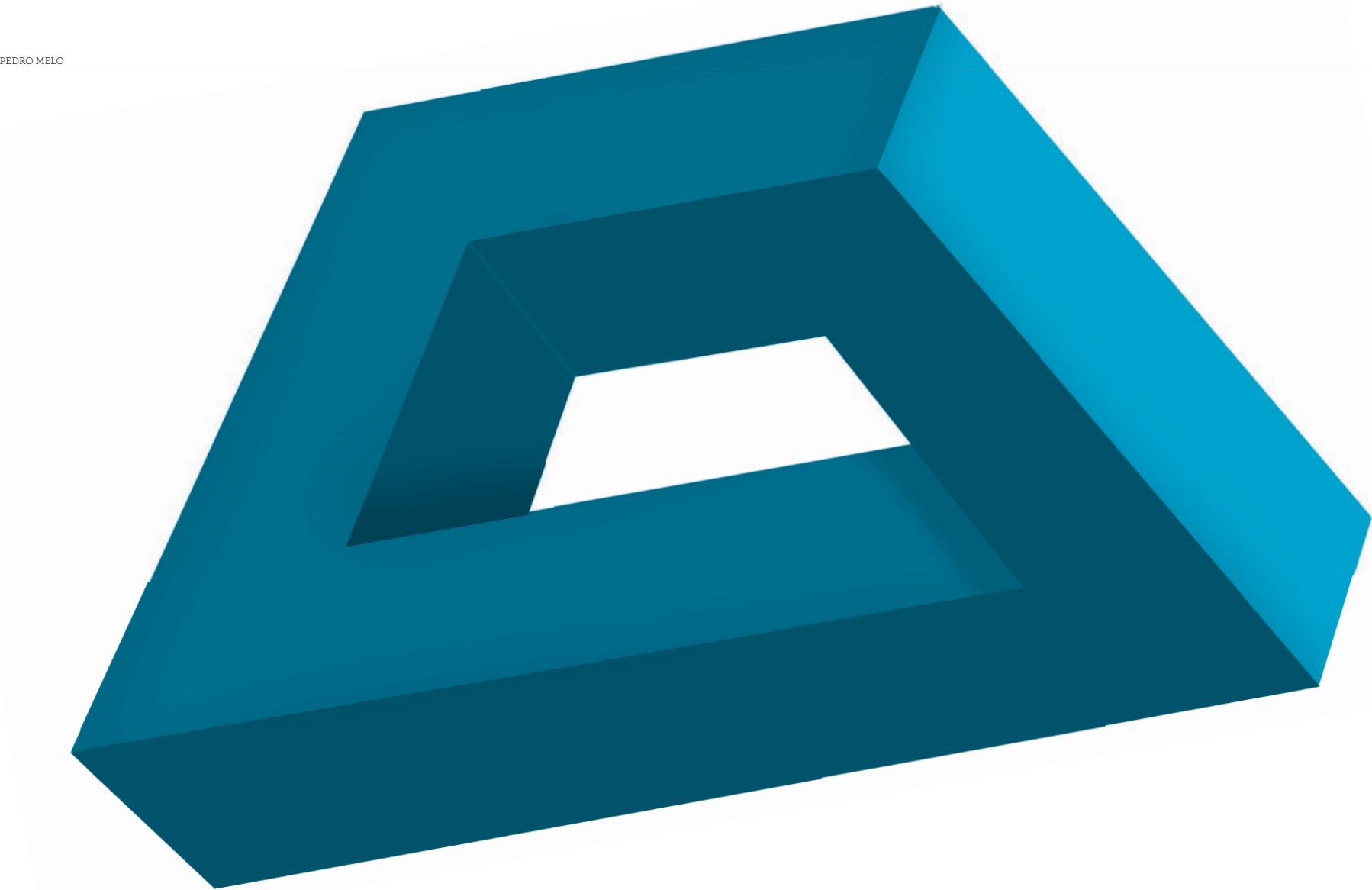
COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

DEPOIMENTO

PEDRO MELO



Quem procura um atalho, logo irá se perder

O que fazer? Como cortar? E o que esperar de um livro prestes a ser publicado?

Fabrício Carpinejar

Reviso meu 15º livro: Mulher perdigueira, para Bertrand Brasil. É como se fosse minha estreia. Não me provoca calafrios a sessão de autógrafos, segurar a capa quente da gráfica, explicar a proposta numa entrevista. Quando isso acontecer, tudo estará resolvido.

Tenho medo de ler as provas, apesar das dez peneiras feitas antes de mandar para a composição.

Representa o instante derradeiro em que a janela se transforma em espelho.

É a passagem final, oferecer a moeda a Caronte e seguir viagem na barca ou colocar a moeda no olho e torcer pela caridade do inferno. As anotações já me colocam em prontidão: aceito ou não?

Minha editora Rose não deixa nenhuma farpa permanecer na pele. Entre as páginas, trocamos asteriscos, travessões e códigos durante dez anos. Ela de vermelho; eu de azul. Nossas cartas de amor são criptogramas intraduzíveis aos demais. O rodapé é a minha verdadeira biografia. Entendemos que uma vírgula mata o relacionamento. Espiamos longamente as árvores por dentro para espantar as gralhas.

Não sei se me rebaixo aos ruídos, deitando os ouvidos no chão, ou escolho uma postura confiante que flerta com a soberba, a ponto de calar qualquer cisma novidadeira.

Calma, rapaz! A indecisão não é adequada na prorrogação. Não é o momento de revolta, alterar a estrutura; esqueça o pânico e atenda as instruções do técnico.

Devo resolver os detalhes, somente as pequenas arestas – caprichar no passe e no posicionamento, executar o básico.

Nem pense em sucesso. A glória é um azar na carreira do escritor. Permanecerá na ficção enquanto não vender muito.

Mas de tanto ler, já não sei se gosto ou apenas me acostumei. De manhã, considero meu melhor livro de crônicas. De noite, é cansaço da tinta, meu maior fracasso.

Meus pesadelos são um coro grego formado pelos defuntos Álvaro Lins, Otto Carpeaux, Wilson Martins, Tristão de Athaíde, gritando em uníssono: Culpado! Culpado! Culpado! Não deliro com Drummond porque sei que ele não falava mal de ninguém, justo para não se incomodar e escrever em paz. Até o pesadelo é verossímil.

Lembro de uma história de meu pai. Conselho

paterno não dorme, mesmo que seja errado. Ele modificou quatro vezes seu *Silbion* ao longo de três décadas. Na última investida, percebeu que estava igual à primeira edição. Ele foi melhorar, melhorar, melhorar e voltou ao início. Literatura se faz mesmo pelos caminhos mais longos.

O que estraga um livro é sua ânsia pela perfeição. A perfeição não tem amigos, muito menos leitores. O cuidado também agride.

No desespero, confio em simpatia. Não provei sua validade, mas me tranquiliza. Uma delas é assobiar para pescar. O rio nos segue com o assobio. Vou assobiando enquanto releio a sequência. O que não contava era com a tempestade do estilo, manias para terminar as frases, expressões parecidas. Deito dias numa frase, passional, ensandecido, repetindo, distorcendo. O relâmpago gosta de ópera. No fim, sempre apanho da chuva.

HUMILDADE É INSEGURANÇA

Já estou me dispersando. Aliás, natural trocar de assunto diante dos prazos apertados. O lançamento é em maio, a obrigação é entregar ontem. Aceito qualquer convite para não enfrentar a tarefa e justificar a demora. Que tal futebol no fim da tarde? Aceito. Que tal um cinema? Aceito. Uma banda de amigos tocará no bar de noite? Aceito.

O livro tem 420 páginas, está enorme, preciso cortar para 320, para permanecer no tamanho semelhante aos volumes anteriores. Oitenta páginas programadas a desaparecer, cerca de 60 crônicas. Se eu falhar a mão? Se o título perder o sentido? Retiro quais textos? A humildade é insegurança, tremo a cada nova ordem. Não tenho tempo para nenhuma consulta aos confidentes. Minha solidão está alistando fantasmas. Pena que os inimigos não falam comigo, fariam boas críticas.

Antes, a obra tinha 700, depois 600, agora é como fatiar pedra. Não dá para ser com faca, é carpintaria de martelo e cinzel. O escultor retira o rosto do excesso. O impasse é que depois de quebrar a pedra, não há como recolocá-la. Um rosto desfalcado é caricatura. Tomara que meus traços fiquem.

Sou só uma pergunta queimando no cinzeiro.

Fabrício Carpinejar é escritor e autor de *Um terno de pássaros ao sul* e *Cinco Marias*



PERFIL

MAÍRA GAMARRA



Um voyeur de crimes, Coca-Cola e rara porcelana

Enquanto observa o repórter tomando refrigerante, o novo imortal da APL revela seus olhar sobre tragédias e belezas

Luís Fernando Moura

Parágrafo único é o da dieta. Nada de Coca-Cola, pois “para a saúde é uma tragédia”. Numa manhã em sua residência na Praça de Casa Forte, Roque de Brito Alves embrulha um punhado de papéis de jornal do dia para conceder entrevista, enquanto observa encantando os trópicos artificiosos de Burle Marx, que por ora demarca: “É sua primeira obra recifense, é linda”. Lar doce lar, logo nos traz uma latinha de Coca, gentileza, enquanto se escuda, diz que prefere champanhe – trincheira elegante na batalha mercadológica entre saxões e franceses. “Quando surgiu o refrigerante, os americanos diziam ‘se vocês não comprarem a Coca, nós não importamos o champanhe’. Inevitável.

Roque é hieroglífico. Doutor em Direito pela Faculdade de Direito do Recife e professor universitário, publicou cerca de 30 livros sobre Direito Penal e Criminologia – não sabe bem –, formou-se altruísta, caprichosamente enciclopédico e ícone do mecenato pós-moderno. Herdou do pai, José de Brito Alves, o amor pela alta cultura impressa em porcelana, que colecionou durante toda a vida, ou na retórica em tribuna penal. Fez-se orador de verdades em rodapé, em que causos e nomes vêm sempre precedidos por alusões a um passado dilatado, em geral verbetes bibliografados entre cânones da arte ocidental ou historietas recortadas de *fait-divers*. Este ano, tornou-se um imortal da Academia Pernambucana de Letras, como se não fosse a morte dogma shakespeariano. Não esqueceu. “Como seres humanos, somos ‘pobres mortais’, pois somos feitos de um barro muito frágil, limitados pelo tempo e pelo espaço, sem a posse absoluta da ciência ou da arte, sempre angustiados na eterna luta diária entre o bem e o mal”, proferiu no discurso de posse. Entregou-nos o texto impresso em caderneta, parágrafos enumerados como jurisdição pessoal.

“A gente morava naquela velha rua de Barão de São Borja, que agora está uma tragédia, só tem ladrões. No domingo, meu pai abria a janela da sala de visitas, dava para a ver as peças de porcelana guardadas naquela sala grande”, lembra Roque. Arrisca soar sempre trágico, pois repete o termo como mantra nostálgico, mas semblante e filosofia ostentam serenidade humanista, ditam que o maniqueísmo é manco. “A Criminologia tem um enfoque diferente do Direito Penal. O Direito Penal não quer saber se o sujeito é jovem, é pernambucano, é gaúcho, é do interior, mas o crime, antes de ser um problema jurídico, é um fenômeno social”. À tragédia, fica o fardo de determinar a sinuosidade da atitude humana, pois crimes são sempre fruto de “paixão” – escolhas vitalícias, como religião ou carreira.

Roque produz autoficção encadernada em ciência jurídica, apaixonado pelo crime como os criminosos, mas sem ter provado a rigidez do banco dos réus. Prefere a teleologia do delito, espiando como voyeur em plenária. “Na advocacia criminal, a gente encontra casos que vão além de qualquer imaginação. A grande ficção hoje é a própria vida”, diz. Enquanto

descreve a sordidez do crime, desenha radiografia das grandes histórias contemporâneas, desconfortável por sua imprudência moral – são elas que agendam nosso imaginário homicida: Von Richthofen, Nardo-ni. “O que mais tem hoje são famílias desintegradas, aí vem o choque com a madrastra, com a mulher, do marido com a esposa, do pai com o filho. Antes havia um respeito excessivo”.

Roque reclama a moralidade rechaçada pelo capitalismo, onde o bem maior é sempre feito de matéria. “Os crimes contra o patrimônio, se você comparar com os crimes contra a honra, é uma palhaçada”. Verbetes são vários: “injuriar, difamar, caluniar”. Mas, não, “se você ofende uma pessoa, é tão ridícula a pena se comparada a alguém que pegou um pão. O que vale é o patrimônio e os bens materiais e econômicos”.

Pausa para as fotografias. Roque sugere “colocar um paletozinho”, sai mais bacana. Vem outra latinha de Coca para a fotógrafa. Parágrafo único, etiqueta social para a sabatina. Enquanto se ajeita, o advogado relembra criminosos, tipos esplendorosos que suplantam os da ficção. “Exemplo clássico é aquele canibal americano que matava pessoas, esquartejava, colocava no refrigerador e, dia após dia, se alimentava de uma parte do corpo. O outro, que matava e enterrava os corpos dentro de casa, tinha um cemitério particular”. São os “loucos morais”, diz. “Eles não sentem nada, não gostam de ninguém, não querem que ninguém goste deles”. Não adianta cerimônia, encarceramento ou psiquiatria, pois “eles não têm sentimento de culpa”. Estatísticas de defesa: “Segundo a ONU, de 25 pessoas no mundo, três são psicopatas”.

O arquetípico mal, encarnado entre nós? “São doentes. Têm que ser afastados porque são camaradas perigosos. Muitos não têm culpa de nada, nascem assim, ou têm má educação. Pode começar de pequeno, a mãe acha graça, ‘o menino é treloso, né’? Pega um gato e bota um foguete no rabo, coloca a lagartixa numa chapa quente de fogão”. Mais verbetes: “serial killers, esquizofrênicos, psicopatas, maníacos por perseguição”. Já defendeu de todos, diz Roque. Na Avenida Guararapes, um deles matou o conhecido da repartição, queria a aposentadoria e todo o custo. Sem pestanejar, carregou consigo uma arma de fogo e uma peixeira, “caso o revólver falhasse”. Outros verbetes: “Delirantes, ciumentos, paranoicos, doentes mentais, passionais”. “Os calmos, bem tranquilos, são os mais perigosos”.

Mas explosão não inventa, espalha migalhas. Thomas de Quincey, inglês encantado, dizia que o homicídio é uma das belas artes – “um exagero!”, exclama Roque. O crime deve ter seu fascínio, mas porque brilha em idealismo platônico. O assassinato, feito para a fruição pelos artistas, apenas reforma seus ornamentos. “Os grandes autores da literatura tiveram uma intuição, mesmo antes dos cientistas e dos juristas”. Seriam bons clientes os personagens de Êsquilo, Sófocles, Eurípides, Dante – réus milenares, mas ainda incômodos. Mais à frente, os de Shakespe-

are – “o maior de todos” – ou Dostoiévski. “Quando eu vou defender um caso de crime passionai, não quero saber de ciência, eu levo Otelo”. Roque prefere o drama shakespeariano, trágico embalado em *blockbuster*. “Ele foi o maior entendedor das relações humanas. Fez análises que a ciência só provaria no século 19. A descrição de Otelo é perfeita para tratar do ciumento. Quando diz, por exemplo, ‘matei por honra, e não por ódio’”.

Ao que Roque indica, o crime contemporâneo é uma paráfrase algo visceral dos tipos condenáveis da ficção ocidental. Só de Shakespeare, lembra Hamlet, “o criminoso louco”, MacBeth, “o criminoso com ambição política”, Ricardo III, “criminoso com complexo de inferioridade”. Há cerca de quatro meses, acompanhou caso de uma mulher abandonada pelo marido que, por vingança, resolveu matar os dois filhos. “Isso é Medéia, de Sófocles, 400 antes de Cristo. Pensou ‘fui abandonada, então vou causar a ele uma dor eterna’. Mexeu com inocentes que não tinham nada a ver”. Verbetes: “Luxuriosos, perdulários, egoístas”. Está tudo no Inferno de Dante, diz. “Crime e castigo, de Dostoiievski, falou em complexo de culpa antes de Freud. O nosso cangaceiro está em José Lins do Rêgo, Jorge Amado”.

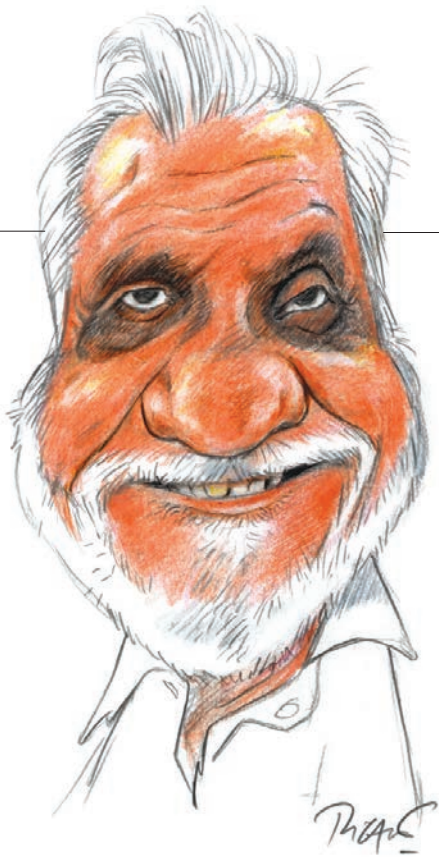
Adendo, processo penal não absolve por emoção ou paixão. Longe da aura dos tempos clássicos, estamos fadados à manifestação mundana da maldade. “O problema é que nós, latinos, somos mais passionais que racionais. Em qualquer situação de drama, a gente mata o outro por besteira”. Terrível. Sófocles, lembra Roque, dizia que “na natureza existem coisas terríveis, terremotos, vulcões. A pior é o homem”. Redenção, para um humanista, é que há algo mais complexo nesta longa história. “Imagine, um menino não tem um tênis bom, mata o outro para a roubar. Vivemos numa sociedade de consumo e, ao mesmo tempo, somos consumidos por ela. A perversidade humana é incrível, falam em pena de morte, mas a

Nós, latinos, somos mais passionais que racionais. Em qualquer situação de drama, a gente mata o outro por besteira

solução para o crime é mais complexa.”

Prisioneiro das contingências da natureza humana, o crime de Roque é ser um “neurótico pacífico”, amante de detalhamento em ouro em relevo ou brunido, pinceladas finas e pouco errantes. Parágrafo único é amar a História ocidental – o rococó, o barroco, o neoclássico, o neorrococó –, registrada em suas peças de porcelana, mais de 70. No terraço em frente a Burle Marx, três armários sucateados são os últimos que restaram de 12 grandes vitrines onde guardava o montante, hoje doado ao Museu do Estado de Pernambuco. “O colecionador acumula vitórias quando consegue comprar uma peça. Essa aqui mesmo, levei dez anos para conseguir”, suspira, apontando imagem em catálogo colorido. O maior acervo de porcelana do Brasil, destaca, tem folderes que rodam museus europeus, países onde descobriu amigos. Aquela peça foi doada por Napoleão III a D. Pedro II. Já o jarro ali no canto estava exposto no Parque Imperial de São Pedro Cristóvão, também do imperador. Do fetichista ao mecenas, Roque lutou pela obras – aventuras até dissimuladas, mas sempre honestas – e agora as entregou, com humanismo bem apessoado e gentil. “Foi difícil, mas doe para que o povo pudesse conhecer. Se a arte nasce do povo, vamos deixar o povo ter acesso a ela”. Um pedacinho de tragédia lícita.

Luís Fernando Moura é Jornalista



Raimundo CARRERO

E o estilo, hein? para que você quer estilo?

O narrador precisa desafiar
o leitor com vozes de
diversos personagens

Mario Vargas Llosa tem razão quando escreve que “o narrador é o personagem mais importante de todos os romances, sem nenhuma exceção, e aquele do qual dependem todos os demais” (*Cartas a um jovem escritor*, Elsevier, tradução de Regina Lyra, Rio de Janeiro, 2006). É a partir daí, creio, que começa a discussão a respeito de estilo. Sobre tudo porque Llosa adianta, de forma enfática, que muitos escritores, de fato, acreditam que são os narradores. “Estão errados”, acrescenta. A mão de ferro força a narrativa. Um ótimo começo e um bom debate.

Não se pode negar que desde sempre os escritores lutaram por um estilo. Até porque acreditaram – e acreditam – que o estilo é a principal característica da obra. E não só da obra, principalmente do autor. No tempo da glória do romance havia mesmo um escritor, e, em geral, mais do que um autor, como já se disse, verdadeira mão de ferro. Jorge Amado, no primeiro parágrafo de *A morte e a morte de Quincas Berro D’água* chega a despejar acusações aos críticos, defendendo-se, num parágrafo desnecessário e forte. Que se pode fazer? Aquele é que se costumou chamar de estilo de Jorge Amado. Nem se discute. Graciliano Ramos, com todo o rigor formal, abre *Vidas Secas* com piedade dos personagens, a quem chama de os infelizes. E sempre que simpatiza com os meninos, filhos de Fabiano e Sinhá Vitória, trata-os de “os safadinhos”.

É o estilo de Graciliano e não se discute. Embora não seja o mesmo estilo de *Angústia* ou de *São Bernardo*. É evidente, portanto, que Graciliano tem um estilo que o consagrou por causa do rigor formal, mesmo quando altera, minimamente, aqui e ali. Não se está aqui criticando nem Jorge Amado nem Graciliano Ramos. É uma constatação para efeito de análise. Ambos com suas grandezas e defeitos. Isso mesmo. O que se quer mostrar é a diferença entre o escritor, ou autor, e o estilo. Como se pode discutir o mesmo tema em Dostoiévsk e Kafka, por exemplo. Ou entre Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa. Que seja. Mas afinal o que é mesmo o estilo? Há muitas definições. A maioria se preocupa com a questão da linguagem. E só. E apenas. É preciso ter muito cuidado.

Diz-se que estilo são as características linguísticas de um autor. Está ligada à linguagem. E pronto. Na verdade é algo mais complexo, envolve uma série de elementos. E estendem-se os exemplos a escolas literárias, a épocas, a circunstâncias. Isso. Mas o estilo na criação literária – que é o nosso caso – não está ligado apenas à linguagem ou às exigências gramaticais. Ou sequer à desorganização. Nada disso. Vai muito mais além. Está ligado à

maneira como o autor distribui os personagens, como eles entram ou saem de cena, como falam, como se comportam, a maneira de se relacionar com outros personagens, desenvolvimento de enredo, enfim, como o texto é estruturado. O estilo é a totalidade e não apenas, digamos, as frases, os parágrafos. E até mesmo aquilo que costumamos chamar de atmosfera. Enfim, o estilo são as características do autor.

Talvez essa palavra nem abarque toda sua complexidade. Mas, por falta de outra, prefiro continuar usando-a, sobretudo naquele sentido estabelecido por Alejo Carpentier em estudo brilhante, *O estilo das coisas que não têm estilo*. Até porque o crítico vai continuar chamando de estilo. Pois bem, nasce com Flaubert o escritor sem estilo, nesse sentido tradicional. Aquele que segue a mesma linha estrutural da frase em todos os livros. Ou seja, cada livro de Flaubert tem uma linguagem diferente, sobretudo no uso das expressões. Em princípio, o personagem pede o seu estilo próprio. O estilo de *Madame Bovary* não é em absoluto o estilo de *Educação Sentimental*. Se mudo o personagem, muda a forma de escrever. *Madame Bovary* é mais enfático e, até certo sentido, emocional. Foi justamente este aspecto emocional que Flaubert retirou completamente de *Educação Sentimental* e precisou, assim, alterar a estrutura da frase e, mais adiante, a apresentação do personagem, optando pela frieza do narrador onisciente e pelo comportamento de Frédéric. Embora tomado de amor pela Madame Arnoux, não permite arroubos de paixão sobretudo naqueles três primeiros capítulos, onde o personagem é tomado de tédio.

Pode-se dizer, compreendo perfeitamente, que um homem com tédio não se pode arder de amor. Compreendo. Mas não é assim. Ocorre que Flaubert exercitou ali o que ele achava essencial no romance: a emoção estética. Para ele, a frase valeria pela qualidade de suas palavras e jamais pelo conteúdo científico. Ou seja, sem a pregação religiosa, sem a documentação sociológica, sem os e questionamentos científicos. A frase vale pela sonoridade ou não, pelo ritmo ou pelo andamento. Estética, pura estética, sem ter que provar nada, sem discutir nada, sem revelar nada – daí o possível romance sobre nadam e que muita gente confundiu. “Le mote just” não servia para todas as frases, de maneira uniforme. A frase pertencia ao que se pode chamar o estilo do personagem e poderia mudar de um para outro, desde que fosse mantida a unidade do texto. A harmonia do romance.

Devido a este projeto literário, Flaubert retira o autor do texto e, segundo Mario Vargas Llosa, até mesmo o narrador, criando-se a

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

OPORTUNIDADE

Editora da Universidade de Minas Gerais faz promoção de livros por apenas R\$ 10,00

“Elizabeth Bishop (foto) foi uma modernista tardia. Nos seus poemas descritivos revelam-se inúmeras fontes, tais como cartas enviadas e recebidas, anotações rápidas e travessas, relatos de conversa, entrevistas, depoimentos, rascunhos de possíveis obras, diários íntimos próprios e alheios etc. Um cotejo desses inumeráveis papéis avulsos com o texto finalmente dado à luz como digno do nome ‘poema’ acaba sendo revelador da intensidade das

impressões subjetivas no processo de elaboração do processo criativo da autora”. É sobre isso que versam os ensaios incluídos neste livro. Esta é a sinopse do livro” *The art of Elizabeth Bishop* (em inglês), que, entre outros de história, filosofia etc, está sendo vendido por apenas R\$ 10,00, numa promoção da Editora UFMG, que acontece até o próximo dia 14. Contatos: (31) 3409-4657 ou 3409-4658, e-mail vendasonline@editora.ufmg.br

DIVULGAÇÃO





figura do relator invisível. Por quê? Porque o narrador corre o risco de se emocionar, de se exaltar, de questionar. De forma que ao narrador “não é permitido celebrar as alegrias de seus personagens nem apiedar-se de suas misérias: sua única obrigação é comunicá-la”. Assim muda-se tudo na estrutura da narrativa, conseguindo-se o texto pela Beleza da frase, do parágrafo, da página. Funda-se, dessa maneira, a sedução pelo olhar, pelo ver, antes mesmo da leitura, durante a leitura e depois da leitura.

Será possível então fazer exercício de estilo? É claro que pode. Leia uma história de jornal, em qualquer área, e conte – em cinco linhas sem adjetivos, sem advérbios de modo, por exemplo, usando apenas a emoção estética. Ou seja, a frase bem elaborada, sem ansiedade, angústia ou prazer. Não é uma questão de concordar ou não. Basta fazer. Enfim, é apenas um exercício.

A definição é bastante complexa: o estilo é a totalidade do texto e não apenas, as suas frases, e os seus parágrafos

HUMOR

Pequena joia do humor negro francês

Quer morrer e não sabe como? A *loja dos suicidas* tem em seu estoque a solução perfeita para os seus problemas. A loja é administrada pela família Tuvache, que a consideram a ser uma missão. O tom deste pequeno e delicioso livro do francês Jean Teulè, editado pela Ediouro, é de farsa e humor negro. O problema começa quando nasce o caçula Alan, a “ovelha branca” da família: adora a vida e ameaça levar o negócio à falência.

ERÓTICO

Mestre do erótico bizarro japonês tem álbum de histórias em quadrinhos lançado no Brasil pela Conrad

O desenhista Suehiro Maruo bem que tentou se enquadrar, procurando emprego em editoras de mangás, mas foi sempre recusado. Então resolveu seguir sua tendência natural para o bizarro, tornando-se o mais importante desenhista de um erotismo pesado em cujo repertório estão onanismo, flagelação, sodomia, voyeurismo, coprofilia, pedofilia, zoofilia e canibalismo. Apesar da temática

feroz, seu desenho é muito delicado, alternando a narrativa com cenas oníricas e surrealistas de grande beleza. Sua estórias também têm embasamento erudito: Edgar Allan Poe, Salvador Dali, Athur Rimbaud, Georges Bataille e o Marquês de Sade são suas fontes. Os anti-heróis que povoam o álbum *Ero-Guro, o erótico grotesco de Suehiro Maruo*, lançado no Brasil pela Conrad Editora, são amorais, pervertidos e cruéis.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708

ENTREVISTA
Cassiano Elek Machado

“O livro digital não é prioridade na Cosac Naify”

Para encerrar nossa série de entrevistas com editores, uma conversa com o diretor editorial da Cosac Naify, que explica o funcionamento dos livros-fetiche da editora

DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Cristhiano Aguiar**

Para começar essa história, façamos um teste: entre em uma livraria e passe os olhos pelos lançamentos colocados em destaque pelo livreiro. É possível que uma parcela dos livros que chamarão atenção tenham sido publicados por uma mesma editora: a Cosac Naify. Se nossas vovós nos ensinam que “quem vê cara não vê coração”, a regra não se aplica a essa editora paulista, que entrou no mercado brasileiro há pouco mais de doze anos. De modo geral, o arrojado design dos produtos da Cosac potencializa o bom conteúdo do que é publicado.

Como foi discutido nas entrevistas anteriores, uma das questões incontornáveis em relação ao

mercado editorial consiste na desmaterialização do livro. Seria o modelo do livro-fetiche, proposto pela Cosac Naify, uma das “saídas” para uma possível crise no horizonte do mercado editorial? Quais os impactos, no mercado brasileiro, da entrada de uma editora que ajudou a repensar os parâmetros de qualidade da indústria do livro? Qual o “preço” a ser pago pelo consumidor para manter este padrão de qualidade?

Estes e outros temas são discutidos, por e-mail, pelo nosso entrevistado, o jornalista Cassiano Elek Machado. Diretor editorial da Cosac Naify, Cassiano foi repórter e também editor do caderno Ilustrada, da *Folha de São Paulo*, bem como da revista *Piauí*. Coordenou, também, a programação da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) em 2007.

Cassiano, qual balanço você faz desses mais de dez anos da Cosac Naify? Quais as principais contribuições da editora ao mercado editorial brasileiro?

Por estar há apenas dois anos na editora eu me sinto à vontade para avaliá-la como alguém que assiste esta trajetória de fora dela, e de fato eu assisti. Como repórter da *Folha de S. Paulo* cheguei a escrever sobre o primeiro livro da Cosac Naify, lançado em 1997, e acompanhei de perto todos os seus momentos mais importantes. Posso dizer, assim, com tranquilidade, que a Cosac Naify não apenas mudou drasticamente o conceito do livro de arte no país como ajudou a elevar os padrões do mercado editorial, pela preocupação incessante da editora em buscar qualidade em tudo o que faz.

Gostaria que você compartilhasse com os leitores do Pernambuco um pouco da sua trajetória como editor. Você teve alguma formação institucional – graduação, pós-graduação – nesta área, por exemplo?

Tanto eu quanto os demais dirigentes da editora não temos formação na área editorial. Embora existam cursos profissionalizantes para atuação no mercado editorial a maior parte dos profissionais à frente de editoras tem vindo de outros segmentos. Tanto eu (diretor editorial) quanto o diretor-presidente da Cosac Naify, o Augusto Massi, somos jornalistas. Estudamos os dois, em momentos diferentes, jornalismo, na PUC-SP. Ele também estudou letras na USP, e hoje é professor de literatura brasileira nessa instituição. Eu, além de jornalismo, estudei ciências sociais na USP. Apesar da importância dessas experiências acadêmicas tenho claro que para mim os momentos de aprendizagem mais significativos foram no exercício da profissão: passei quase dez anos na *Folha de S. Paulo*, no caderno *Ilustrada*,

“ Tanto eu quanto os demais dirigentes da editora não temos formação editorial. Embora existam cursos profissionalizantes.

atuando como estagiário, redator, repórter e até editor, depois fui redator-chefe da revista *Trip*, editor na revista *Piauí* e diretor de programação da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty).

Dentre as editoras brasileiras, percebe-se que a Cosac é uma das que melhor aproveitam as potencialidades oferecidas pela internet. De que forma a internet pode ser uma ferramenta eficaz na divulgação de livros e da leitura?

Temos muita clareza na importância que a internet tem como ferramenta de relacionamento da editora com seus leitores. Há muitos anos temos um site que sempre oferece, além de notícias básicas, conteúdos extras, como entrevistas com autores, ensaios escritos a nosso pedido sobre determinados livros e assim por diante. De uns tempos para cá, aprimoramos nossa atuação na internet, criando o primeiro blog realmente ativo em uma editora de médio porte e nos fazendo valer de uma série de instrumentos novos (ou que eram novos na época) da internet, tais como Twitter. Estes mecanismos permitem um contato direto com o público que tem interesse específico naquilo que a editora está fazendo, e não só isso, no universo que nos circunda, já que nosso trabalho não termina na publicação dos livros: acompanhamos aquilo que nossos autores, ilustradores, artistas, fotógrafos fazem para além das obras que lançaram conosco.

Entre os dias 29 e 31 de Março aconteceu o primeiro Congresso internacional do Livro Digital. Como a Cosac tem lidado com esta questão?

Tanto eu quanto a pessoa responsável pelos direitos autorais da editora estivemos no Congresso, que foi de muito bom nível. No dia das falas internacionais fomos

surpreendidos, inclusive, com uma deferência especial. O palestrante que encerrava aquele dia de conferências, o especialista em livros digitais Pablo Arrieta Gomes, da Colômbia, citou a Cosac Naify como uma editora que ilustra uma crença dele: a de que apesar dos avanços tecnológicos sempre haverá espaço para os livros realmente bem feitos, “como os da Cosac Naify”. Modestamente, compartilhamos da crença dele. E por isso o livro digital não é nossa prioridade. De outra parte, sabemos que este é um movimento incontrolável da indústria editorial. Muito em breve a versão digital dos livros terá uma fatia do mercado, e por isso estamos nos preparando para ter alguma presença nesse segmento.

Qual sua análise da atuação do Estado brasileiro no mercado editorial?

O governo brasileiro tem uma atuação de extrema importância em sua política de aquisição de livros. Só acho uma pena que tenhamos tão pouco retorno sobre o aproveitamento dos livros comprados pelo Estado. O feedback é muito restrito.

A Cosac é conhecida por edições muito bonitas e de design diferenciado, porém com preços em alguns casos altos. Num país em que o preço é um dos impeditivos para a consolidação de uma cultura do livro e da leitura, esta não seria uma escolha contraditória?

Creio que esta é uma ideia falsa. Os livros no Brasil são razoavelmente caros por questões muito evidentes: a cadeia de distribuição é pequena, as distâncias a serem percorridas são enormes, a escala de produção é muito baixa. Do preço final de cada livro metade fica com a livraria, outra porcentagem fica com os autores, gasta-se um tanto com a distribuição e mais uma boa

soma com papel, gráfica, revisão de textos, entre outras dezenas de custos indiretos. A margem de lucro em cada livro, para qualquer editora, é muito baixa. Considerações gerais à parte, nós temos a particularidade de investirmos mais em cada livro: prefácios ou posfácios exclusivos, fotos da melhor qualidade, traduções de primeira linha... Com tudo isso, te proponho um desafio. Pegue cinco títulos da Cosac Naify, aleatoriamente, e compare com títulos similares de outras editoras. Não haverá muita diferença, e com produtos um bocado diferentes.

Quais os critérios para que um livro de ficção ou poesia seja publicado pela Cosac?

Não existe uma planilha de critérios. Em geral, buscamos ficção/poesia de qualidade e que, se possível, seja diferenciada da que é publicada por outras editoras. Não adotamos critérios geopolíticos, mas vale observar que dentre os escritores contemporâneos que publicamos há uma prevalência de autores europeus ou latino-americanos, já que o mercado costuma trabalhar mais pesadamente com americanos, ingleses e brasileiros.

Um dos lançamentos que melhor conciliou um bom texto com um excelente trabalho de design foi *O livro amarelo do terminal*, de Vanessa Bárbara, que ganhou o prêmio Jabuti de melhor reportagem. Como você vê a relação entre jornalismo e literatura? Quais são as obras e nomes de referência, no Brasil, do jornalismo literário?

Gostamos muito deste projeto, por ilustrar muito bem algumas de nossas crenças profissionais. Imagine um livro escrito por uma garota totalmente desconhecida, como trabalho de conclusão de curso de faculdade, sobre um tema que poderia ser bem pouco amigável: uma rodoviária. Pois este livro ganhou o Jabuti e o Prêmio APCA de livro jornalístico

“ Temos muita clareza na importância que a Internet tem como ferramenta de relacionamento da editora com seus leitores.

do ano e dois prêmios de primeiríssima importância fora do país, o dado pela AIGA (EUA), como um dos 50 livros mais bonitos do mundo, e o do Clube de Criadores de Nova York. Isso só foi possível porque na editora trabalhamos cada projeto em conjunto entre a equipe de texto e a de design. E conseguimos achar, graficamente, aquilo que o texto de Vanessa Barbara pedia. Eu, em particular, gosto muito desta junção de literatura e jornalismo, mas não é fácil encontrar obras com esse perfil que sejam realmente bem feitas (e conseguir quem as produza sob encomenda é uma empreitada cara, porque bom jornalismo demanda tempo). Quanto às obras e nomes de referência não teria muito a acrescentar além dos mais óbvios.

Outros lançamentos de destaque do catálogo da Cosac são livros como *O romance*, organizado por Franco Moretti, *História do design gráfico*, de Philip Meggs e *Histórias da moda*, de Didier Gumbach. São livros de referência em suas respectivas áreas, porém certamente configuram uma empreitada comercial arriscada. Você poderia falar um pouco como foi o processo de editoração destes livros? Há outros lançamentos com este mesmo perfil previstos para 2010?

O diretor-presidente da Cosac Naify, Augusto Massi, é professor universitário, da USP, e sempre acreditou que é uma das tarefas essenciais da editora colocar no mercado obras de referência nas áreas com as quais trabalhamos. Essas empreitadas que você citou nos enchem de orgulho, por serem obras que realmente dão contribuições centrais para a formação dos estudantes/profissionais em cada uma dessas áreas. Não são os únicos livros do gênero em nosso catálogo. Temos muitos livros essenciais de história da arte, como *História da arte italiana*, de Argan, temos

uma porção de livros centrais para estudantes de arquitetura, livros incontornáveis em antropologia, e assim por diante. São, em todos os casos, livros que demandam um processo de edição muito trabalhoso e custoso, que algumas vezes não rende dividendos a curto prazo. Em todos os casos, porém, são livros que contribuem para melhorar o nosso leitorado e para consolidar o compromisso que temos com a qualidade editorial. Ainda neste ano deveremos ter obras importantes, nessa linha, em alguns segmentos, como em história, em moda e fotografia.

Outra recente publicação da Cosac que chamou atenção foi *Clarice*, de Benjamin Moser. Outras editoras também têm publicado biografias com bastante sucesso em nosso país. A que se deve tanta demanda de público? A nossa não ficção estaria contando histórias de modo mais eficaz que a nossa ficção?

Não creio que o sucesso das biografias seja um fenômeno brasileiro e nem que seja uma novidade. Desde vidas paralelas, de Plutarco, na Antiguidade Romana, as pessoas se interessam por ler a respeito da vida dos outros. Quando a personagem é de primeira linha, como Clarice Lispector, e o biógrafo também, caso de Benjamin Moser, o trabalho tende a ganhar interesse público.

Este ano teremos eventos importantes como a Flip e a Bienal do Livro de São Paulo. Muito se discute se estes eventos efetivamente ajudam a divulgar o livro e seus autores?

Não tenho dúvidas da importância desses eventos para a divulgação dos livros e autores, embora não acredite que existam mágicas nesse processo. De qualquer forma me parece bastante saudável que, com festivais como a Flip, a literatura ganhe um destaque inédito.

CAPA

Um best-seller é um best-seller

Especialistas falam das leis que regem o mercado dos livros mais vendidos

Carol Almeida

“Como posso escrever um livro pensando em agradar ao mesmo tempo a um caminhoneiro, uma dona de casa do Kansas e um nobre inglês? O que faço é seguir uma trilha imaginária de ideias que satisfaçam a minha curiosidade e emoções. O resto é sorte.” Sidney Sheldon

O prato fundo aguardava pelo caldo quente de uma receita que, estava certo, só poderia ser mágica, talvez até magicamente malévola. Um conforto apetitoso para os inocentes juízes que imaginam ser próprio da alquimia criar algo que escapa de sua compreensão e, pior, de seu controle. Mas a sopa não veio e no prato fundo ficou apenas o reflexo de dúvidas projetadas na porcelana da lógica crítica. O que best-sellers e mega-sellers têm a ver com isso? Eles eram o prato do dia, o que não foi servido. Imaginava-se que esse prato poderia ser desmembrado pelo aguçado paladar de gourmets literários prontos para descrever todos os ingredientes que fizeram daquela obra um caldo comercialmente imbatível e, quem sabe, copiar a receita em causa própria.

Quando surgiu na mesa a ideia de um texto sobre a liga que une livros de ficção que vendem milhões de cópias, havia no ar uma condenável inocência de que não poderia ser tão difícil assim, ou ao menos não tão rebuscadamente difícil, extrair o sumo do sucesso editorial de títulos que, a despeito de todas as profecias sobre o fim do livro, quebram recordes de venda, chegam aos cinemas, à TV e transformam alguns escritores em milionárias ou bilionárias celebridades. Mas aí veio o primeiro sinal de que a sopa não chegaria assim mágica à mesa. Depois de um silencioso suspiro, Luciana Villas-Boas, diretora editorial da Record, foi desanimadoramente sincera: “Acho essa matéria que você está fazendo tão difícil. Acho que você vai penar.”

O que Luciana gentilmente quis dizer é que, não, ela não tinha receita, sequer ingredientes, que pudessem apontar o caminho das galinhas dos ovos de ouro do mercado editorial. No entanto, assim como ela, vários outros editores nos levaram a entender que, uma vez dentro da indústria de romances comerciais, existe, da parte das companhias editoras, um jogo de apostas altas em um atípico pôquer de cartas que se repetem na mesa, ainda que quase todas elas sejam de baralhos diferentes. E que, sim, assim como todo jogo, é preciso Sorte e Sensibilidade, nessa ordem, para saber jogar alto em títulos que podem dar certo.

Com a Sorte, a mesma mencionada acima pelo best-seller Sidney Sheldon, não nos foi cedida conversa. Mas com a Sensibilidade, houve um diálogo mais ou menos consensual que nos levou a entender, por exemplo, por que dificilmente um

romance brasileiro emplaca entre os mais vendidos e quais os motivos que levam um editor a comprar os direitos de alguns títulos nos cada vez mais disputados leilões editoriais.

E antes de falar da Sensibilidade, uma breve introdução ao contexto das cartas repetidas.

No Brasil muito em particular, o mercado comporta pouca diversidade de títulos por ano. Em 2009, foram publicados cerca de 22 mil diferentes livros novos, enquanto nos Estados Unidos esse número foi de mais de 520 mil. Sendo assim, e segundo os editores brasileiros, não há espaço para a coexistência para mais de uma, ou no máximo duas febres temáticas. Portanto, a lista dos livros de ficção mais vendidos reflete aquilo que chamaremos da síndrome Andy Warhol do mercado editorial. Uma que transforma temas da ficção em uma serialização que pega carona e, para refletir recente caso de tema dominante, vampiriza um

ou dois títulos de sucesso. As editoras passam a adotar uma reprodutibilidade mecânica refletida em estranhamente semelhantes capas de livro. No decalque editorial, alguns lançamentos chamam atenção pelo pouco disfarçado sintoma de Mulher Solteira Procura.

De outra maneira, não há como explicar casos como da capa e o próprio nome de *Chá das cinco com o vampiro*, da editora Objetiva. O livro, escrito pelo paranaense Miguel Sanches Neto, nasceu de conversas com o escritor curitibano Dalton Trevisan (conhecido por sua reclusão e nada contente com o lançamento de Sanches Neto), e agora é vendido, ao menos superficialmente, como mais um romance vampiresco adolescente, com direito a uma capa escura que ilustra a meia imagem de um aparentemente sedutor e nobre sanguessuga.

Apostando na compra impulsiva das imagens repetidas – mais uma vez, Andy Warhol, o pro-



PEDRO MELO



feta – a Objetiva e outras editoras como a Novo Século que recentemente lançou *Opúsculo*, paródia da saga *Crepúsculo* com capa e fontes praticamente idênticas à dos livros de Stephenie Meyer, tentam se segurar em alguma brecha do tronco temático para não sofrer as consequências dos ventos fortes que devastam os mais fracos .

Mas o caso da reprodução dos vampiros – e hoje o maior achado editorial não está na saga *Crepúsculo* (Intrínseca) e sim nos também seriados romances de *Diários de um vampiro* (Record) – é apenas mais um dos vários exemplos de temas dominantes que puxa linhas de genéricos e similares. Nos anos 1980, eram os thrillers policiais que se espalhavam pelos mais nobres displays das livrarias, em meados dos anos 90, com o surgimento do fenômeno Harry Potter (cujos direitos de publicação dos dois primeiros livros foram adquiridos por uma pechincha de 5 mil dólares pela editora Nova

Fronteira), se espalhou pelo mercado brasileiro a febre da literatura fantástica, mais tarde ancorada por lançamentos cinematográficos que deram maior impulsão à venda dos livros.

As editoras começaram então a observar o público jovem com outros olhos e, com a garantia da preservação de best-sellers adultos por aquilo que não deixa de ser uma continuidade do fantástico em temas religiosos (*O código da Vinci* e seus discípulos), elas investiram nos anos 2000 em romances com jovens protagonistas que, entre eventos de aventuras sobrenaturais, estavam dispostos a evangelizar sobre o amor e o pecado original. Nada disso, no entanto, estava previsto. Para desconsolo de quem trabalha comprando o futuro, todas essas tendências simplesmente aconteceram.

“Esse é o mercado do imponderável”, sintetiza o professor e diretor da Biblioteca Nacional, Muniz Sodré, um dos poucos acadêmicos a publicar um livro

sobre o mercado e os pontos de interseção entre os livros mais vendidos: *Best-Sellers, a literatura de mercado*, na coleção Princípios (Ática), publicado em 1988, quando o termo mega-sellers (títulos que vendem milhões) ainda não existia.

Para Sodré, sempre existiram e continuarão existindo pontos em comum entre todos os best-sellers de ficção, a independer do gênero em que eles se encaixam. Segundo ele, do ponto de vista do conteúdo, há quatro elementos presentes em todos os mais vendidos. O primeiro seria uma “retórica literária e clichês bem agenciados”, com uma linguagem de fácil acesso e amplo espaço para diálogos. O segundo seria a presença constante do mito do herói e, por tabela, a oposição entre o Bem e o Mal. O terceiro elemento seria o da “atualidade”, que tenta dar contextos contemporâneos à trama desenrolada e, por fim, o fator “pedagógico”, aquele que, no dobrar da última página, sempre tem algo a ensinar nas esperadas lições de moral. Com todos esses elementos se constrói uma literatura – e Sodré sustenta que se trata sim de uma literatura – “normalizadora”, em que facilmente o leitor consegue identificar o “normal” e o “estranho”. “A única diferença desses títulos para literatura canônica é que os grandes escritores inventam em cima da língua vernacular escrita. Eles criam uma nova língua. A literatura de massa não ficcionaliza a língua, mas sim o conteúdo.”

Os editores que buscam novos títulos, conhe-

A indústria de romances comerciais funciona como um jogo de pôquer em que as cartas se repetem na mesa

cedores e já experientes em identificar todos esses elementos, sustentam que eles podem até ajudar na hora de fazer escolhas, mas não determinam decisões. O que determina, segundo Tomás Pereira, um dos sócios da editora Sextante (nome constante na lista dos 10 mais vendidos), é a sensibilidade de leitor e a Amazon. “Acredito que a Amazon foi uma revolução no mercado editorial. Há uma grande quantidade de informação sobre cada título ali, explicações e referências muito mais vastas que qualquer livraria poderia oferecer. Se eu quero saber o ranking de vendas de um livro lá fora, posso ver como ele funcionou na França, na Alemanha. O que está começando a fazer sucesso nos Estados Unidos, as críticas, opinião dos leitores, tudo isso encontro lá”. Quanto ao “feeling”, Pereira explica que o processo é bem simples: “A primeira pergunta que você se faz é ‘qual é o tema desse livro?’. A segunda é ‘É um livro que leio com maior facilidade?’ e depois vem a sua própria experiência de leitor”.

Tomás Pereira, que hoje divide com seu irmão Marcos Pereira a tarefa de comandar a Sextante, lembra que a editora começou a publicar ficções depois que seu pai, Geraldo Jordão, leu sobre *O código da Vinci* na revista *Publisher’s Weekly*. “Ele resolveu então ler a história. E no dia depois que tinha pego o livro, disse que deveríamos publicar aquilo”, lembra Tomás. A essa altura, o romance começava a fazer sucesso nos Estados Unidos, mas o autor Dan Brown ainda era um ilustre desconhecido do leitor brasileiro. Com insistência do pai e relutância dos filhos, os direitos de publicação foram comprados por 12 mil dólares (contra 10 mil dólares que a Record havia oferecido, na pessoa de Luciana Villas-Boas). Os caixas das livrarias, a receita da Sextante e os mais de três milhões de exemplares vendidos só no Brasil sabem o resto da história.

CAPA

Ao contrário de Muniz Sodré, Tomás acredita que, uma vez criadas as caixas que compartimentam gêneros, esses romances que vendem centenas de milhares e milhões de exemplares não deveriam ser chamados de literatura. “Trata-se de ficção comercial”, simplifica ele. “Acho que há leituras das quais você sai enriquecido com ideias e conceitos que você guarda pra vida inteira. Isso é literatura. Desses livros comerciais, posso não lembrar nada depois que fecho a última página, mas não vou esquecer aquela experiência extremamente prazerosa que tive durante sua leitura”. Para Tomás, é essa “experiência de leitura” a seiva que alimenta a procura pelo próximo grande best-seller.

Com um termo mais mercadológico, Juliana Cirne, que gerencia a comunicação da editora Intrínseca (coligada da editora Sextante e proprietária dos direitos da saga do jovem Percy Jackson, o novo Harry Potter), define isso como uma “pegada de turning pages” que, em outras palavras, seria explicada pelo grau de ansiedade que um leitor tem em saber o que acontece na próxima página.

Veterana de cassinos do mercado editorial, Luciana Villas-Boas diz que nem mesmo a sensibilidade de leitora ajuda na hora de escolher alguns títulos. “Acho que essa sensibilidade vai até se deteriorando com o tempo”, reflete. Ainda assim, experiente no ramo, ela afirma que, em última análise, tudo se reduz a um jogo e que, não, profissionais do marketing e a vasta publicação sobre tendências de consumo não têm relação alguma com o que acontece no mercado editorial.

“É impossível que análises de consumo identifiquem tendências para o mercado editorial.” Ainda segundo Luciana, essas mesmas pesquisas de marketing podem sim ajudar na venda dos livros,

mas não na produção deles ou seleção de títulos por parte das editoras. “Se houvesse fórmula o negócio editorial não seria tão difícil. Você tem que apostar em vários títulos que não certo para conseguir achar um que sustenta a editora por muito tempo. Há um elemento de jogo muito grande”, garante.

Nesse jogo de mais exceções do que regras, há três pontos em comum entre todos as pessoas entrevistadas para este texto. A primeira é de que se torna mais fácil promover e vender um título hoje entrando em contato direto com o leitor, seja a partir de comunidades na internet ou mesmo com a bem-sucedida distribuição de livros pela Avon (as revendedoras da linha de cosméticos venderam cerca de 300 mil cópias da *Menina que roubava livros* por todo o País, incluindo aí localizações sem acesso a livrarias).

O segundo consenso está na resposta do porquê da comum ausência de títulos nacionais na lista dos mais vendidos. “Raramente no Brasil você tem histórias que retratem um momento histórico e que sejam contadas com uma linguagem fina, porém sem malabarismos vanguardistas e sem buscar a linguagem da rua que o escritor desconhece e, por isso, quando escreve, soa muitas vezes forçada”, aponta Luciana. Juliana Cirne, da Intrínseca, pontua que o caso é, em alguns momentos, prioridade administrativa. “Já chegaram coisas muito bacanas de escritores brasileiros, mas ainda não temos estrutura para atender o autor nacional, que é alguém que acompanha mais de perto o processo de edição do livro. Mas estamos crescendo muito, quem sabe logo em breve teremos esse espaço”.

Tomás Pereira, da Sextante, retoma a questão do conteúdo industrial: “Falta quantidade e qualidade” para que romances nacionais se encaixem no perfil comercial. Muniz Sodré segue a mesma opinião:

Luciana Villas-Boas, da Record, diz que nem a sensibilidade de leitora ajuda na hora de escolher alguns títulos

“A quantidade acaba gerando qualidade e o Brasil não tem uma indústria editorial forte que comporte uma grande produção nacional.” Para todos eles, questões de identificações com realidades mais próximas podem muito bem ser substituídas por elementos universais da fantasia que se desloca de um eixo local.

O terceiro ponto em comum no caso específico do Brasil se explica com aquele efeito da síndrome Andy Warhol. Os editores entendem que existem filões temáticos e, para eles, nada mais natural que buscar o melhor caminho na mesma estrada. Até que, um dia, a repetição se esgote, o tema se sature e alguém comece a juntar os misteriosos ingredientes certos para a próxima sopa que irá aquecer o mercado editorial.



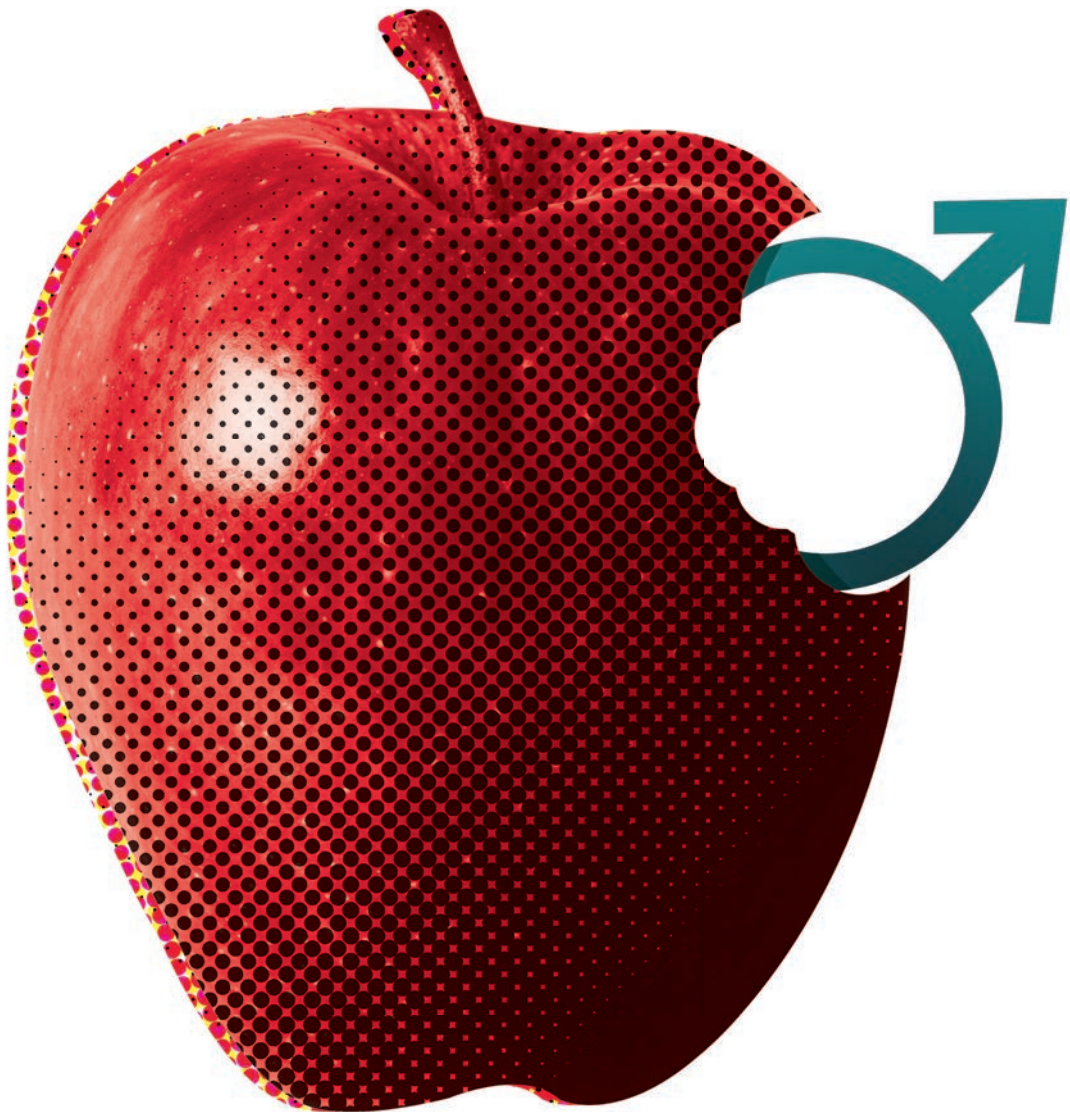
DEPOIMENTO

5 mil toques é tudo o que ele tem a dizer

Autora, enfim, imprime voz ao personagem Paulo do seu romance *Nada a dizer*

Elvira Vigna

PEDRO MELO



Alguns jornalistas homens que resenharam o *Nada a dizer* disseram sentir falta de uma voz masculina nos acontecimentos narrados. Nunca li o contrário. Quero dizer, nunca soube de alguém cobrando do John Updike uma voz feminina que falasse a respeito do galinha do seu personagem principal em *Cidadezinhas*. Ou que sugerisse a seus criadores uma alternativa à morte das adúlteras Madame Bovary, Anna Karenina ou Thérèse Raquin.

Mas aceito o exercício: como seria o *Nada a dizer* se o “eu” do livro fosse o Paulo.

Primeiro, acho que não daria um livro, pois a pouca densidade emocional do personagem não cobriria 168 páginas. Ele não ama a amante, aliás nem a mulher. E acha que afinal não fez nada de tão grave assim. Ok. Livro, Paulo não escreveria, mas as 5.000 batidas desse artigo talvez estejam na sua medida.

“Acho, agora, em retrospecto, que o principal foi o fato de eu me sentir bem. Muito bem. Nem sei há quanto tempo, antes do meu caso com N., eu não tinha tanta energia, alegria, confiança em mim mesmo. Por que? Não sei e não sou muito de ficar escarafunchando razões e poréns. Foi como foi. Se o caso ia durar, caso minha mulher não tivesse visto o e-mail com senha? Também não sei e, já disse, não sou de ficar especulando se isso, se aquilo. Acho que não ia, mas não sei. Acho difícil que eu fosse manter aquele pique, aquela alegria por meses a fio, sempre dentro de um quarto de motel, sem poder sair com medo de alguém ver, perceber. Mas não sei. Quem foi N. para mim, afinal de contas? Acho que isso posso responder. Eu gostava dela. O que minha mulher falou – que nosso caso foi uma história escrota, boçal, medíocre – isso é minha mulher dizendo, e ela tem suas razões, não é? Mas não foi isso. Houve afeto de parte a parte. Aliás, da parte de N., segundo ela disse e não tenho razão para duvidar, mais do que afeto. N. me amava. Estava apaixonada por mim. É isso aí. Eu, capaz de fazer uma mulher se apaixonar por mim. Bom demais. Minha mulher critica, dizendo que, se N. de fato fosse apaixonada por mim, teria largado o marido. Minha mulher não entende que as coisas podem ser complicadas, difíceis. Sou mais tolerante. Agora, se N. largasse o marido, talvez isso fosse uma complicação, porque eu não estava pensando em ir morar com ela. Não era isso, para mim. Foi o que foi. E, aliás, passou. Minha mulher, hoje, pensa mais nela do que eu. Não costumo me lembrar de N. E não estou falando de saudade, de ter ou não ter saudade, é não lembrar mesmo. Saudade, por falar nisso, não é um termo que se aplique. Quando acontece de me lembrar do caso, tenho saudade, não de N. propriamente, mas de como eu me sentia naquele período. Agora, se o que vivi foi real? Acho que não. Acho que

não dá para você viver a vida, as aporrinhações normais que toda vida tem, o trânsito, as contas, os outros por perto – e que no caso de N. incluiriam filhos adolescentes, as amigas dela, a sua enorme família – e continuar louco de alegria. Se eu tiver de resumir diria que foi muito bom, mas que não era real. O e-mail que esqueci de deletar foi a realidade que caiu em cima de mim. Como estou hoje? Bem, acho. Quero dizer, sempre gostei da minha mulher, nunca foi esse o problema. Temos momentos agradáveis, trepamos bem juntos. Às vezes, principalmente quando vou ao Rio por um motivo ou outro, fantasio que me encontro por acaso com N. na rua. E sinto, frente a essa hipótese, mais dissabor que alegria. Acho que ela poderia se mostrar desagradável ou agressiva. Afinal, acabei nosso caso por telefone, falando com ela às pressas, num dia em que ela me esperava num hotel para treparmos. Depois de bastante tempo, tornamos a nos falar, ela e eu, de maneira mais demorada. Foi em outro telefonema, feito por insistência de minha mulher. Minha mulher era de opinião que eu devia dizer a N. com todas as letras que o caso estava acabado e que eu não a amava. Eu disse a primeira parte, a segunda preferi deixar implícita. Nesse telefonema, eu disse também que me arrependia. O que é verdade. Minha vida virou um inferno de tumultos, choros e brigas. Na ocasião, N., do outro lado do fio, disse que não se arrependeria jamais, e deu um risinho. Conheço esse risinho. N. é uma mulher sacana. Melhor dizer isso no diminutivo, sacaninha. Às vezes, penso que seja até mais do que pude ou quis perceber. E que, com o tempo, eu iria me decepcionar. Uma repetição, talvez, do problema que vivo com minha mulher. É difícil para mim manter minhas opiniões pessoais, quando ela começa a falar sem parar. Talvez a doçura de N. fosse fingimento, a terminar um dia. Durante a curta duração de nosso caso, N. nunca criticou nada do que fiz. Ou seja, ela se mostrava como o contrário da minha mulher. Talvez fosse uma capa, uma manipulação. É o que minha mulher diz. O fato é que não sei quem é N. de fato. Tentei outro dia me lembrar de seu rosto, não consegui.”

Outro exercício seria dar voz a N. Em um livro meu ainda não publicado, o “eu” foi no passado a amante de um homem casado. Então, prefiro esperar por esse livro.

O LIVRO



Nada a dizer
Editora Companhia das letras
Páginas 128
Preço R\$ 38



CRÔNICA
Raimundo Carrero



Cada um tem o vampiro que merece

Afinal, quem é o vampiro? Talvez seja a pergunta mais imediata que faz o leitor ao concluir o livro *Chá das cinco com o vampiro* – talvez romance – do escritor paranaense Miguel Sanches Neto, publicado pela editora Objetiva. E não é para menos. Dentes afiados e garras de navalha, ele tentou a todo custo beber o sangue do personagem central, Geraldo Trentini, inspirado no ficcionista Dalton Trevisan, durante muito tempo chamado de O “Vampiro de Curitiba”, por muitas razões.

Ocorre que em Dalton o apelido é charmoso também pelos hábitos inusitados que tem: vive recluso, não concede entrevista, não se deixa fotografar, e apenas passeia em fins de tarde por ruas da capital do Paraná comparecendo, às vezes, a uma livraria. Não podia ser mais chique, não é? E, claro, mais provocador. Quem não gostaria de conhecer as firulas espirituais e intelectuais de um homem desses, vivendo nessa espécie de solidão habitada. De quebra ainda publica livros intrigantes, onde personagens, homens e mulheres, se dilaceram em paixões nunca correspondidas, aos estalos de beijos e de canções proibidas?

O livro é novidade para todos nós, brasileiros afastados

do Sudeste e de Sul, mas nas rodas literárias já era comentado, a ponto de o próprio Dalton Trevisan ter sido obrigado a sair do seu silêncio de claustro, para escrever um poema em que chamou o autor de “hiena papuda”. E a tensão se estabeleceu, num caso não muito comum na literatura brasileira que, verdade seja dita, é quase sempre muito bem comportada. Não temos tradição de grandes polêmicas, a não ser no século 19, caso das críticas ácidas dos desafetos a Machado de Assis.

Miguel atirou a seta no círculo. E acertou. Ou ouviu alguém gritar: “Bingo”. Quer dizer, acertou e bingou de acordo com o seu código de ética. E nem sempre o código de ética literária está longe do código de ética pessoal. Ambos se entendem e se misturam. E serve para aquela máxima que escutei muito durante minha vida: “A gente vale pelo mal que a gente faz”. Incrível. Mas o mundo está cheio dessas hienas, que afundam a mandíbula nos nossos pescoços e que se comprazem numa gargalhada de ferir palhaço.

Sanches aproximou-se de Dalton, mudou de cidade, de hábitos e de alma. Há uma frase lapidar – lapidar é demais, muito demais,

hein? – de Céline, o escritor francês, que diz assim: “Há pessoas que mudam de alma para enganar melhor”. Outras nem precisam disse, seguem o destino que a vida lhes deu. E aconteceu dessa forma, sem tirar nem por: Mudou de alma para vasculhar a vida desse homem cheio de segredos. Não demorou, colocou tudo nas vitrines das livrarias. Exposição permanente e cruel. E bem que poderia ser um ótimo livro de formação. Existem tao poucos romances de formação no Brasil, que serviria, pelo menos, para examinar os dilemas e as glórias de uma geração, ou de muitas gerações, que atravessam as décadas tentando entender para que serve mesmo a literatura. E por que estão escrevendo. O melhor exemplo disso é, sem dúvida, *Encontro marcado*, de Fernando Sabino.

Nas páginas deste livro muitos outros personagens da realidade curitibana – ou de Londrina, onde mora o escritor – trafegam. Ora com ironias, ora com revelações bobas, ora com ofensas desvairadas. E a quem interessam os hábitos de cada um deles? Pode-se dizer, hábitos pessoais, detalhes que a eles mesmo, e somente a eles, interessam. Não cabem sequer num romance. E Beto – o alter-ego do autor – começa

a desvendá-los sem nenhum pudor. Sem qualquer pudor. Oferece roteiros, pequenas manias, gestos. Parece seguir outra máxima, essa máxima sertaneja: “Não quero saber se a mula é manca, eu quero mesmo é rosetar”.

O romance vai se transformando, pouco a pouco, num amontoado de revelações que não enriquecem, de forma alguma, a obra de Miguel. Que, é preciso ressaltar, estava construindo uma obra respeitável, junto ao trabalho de crítico e de professor. Mas preferiu seguir uma certa tradição de norte-americana, que tem em Truman Capote um dos seus cultores. Logo Truman Capote que é aquilo que se pode chamar de um escritor de estilo – se isso existe mesmo. Sem esquecer, porém, que depois dos seus trabalhos de fofoca, ele desapareceu. Sumiu. Não escreveu a obra de quem se esperava tanto. Desde *Bonequinha de luxo*.

Agora, o vampiro perde a sua classe curitibana, seu charme cinematográfico, para percorrer o país na capa de um livro que pode atacar a qualquer momento. Transformado numa xícara de chá. E do alto das nuvens e dos tremores de terra se ouvirá a sentença: “O vampiro sou eu”.

BASTIDORES

PEDRO MELO



Sou eu que me transformo em todos esses aí

Um depoimento sobre a arte de “reencarnar” nos personagens de um livro

Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque

reconheceu
atrasado, pois tivera um
quando era criança em Con...
os querendo aquele rifle e, quando
ou, não conseguia pensar em nada
etc. Afirou em altíssimas latas, depois
a morte do pássaro não foi limpa. Ele fu
na neve, cercado por uma mancha de sangue
a, seu bico abertido e fechando devagar. Depois
so, ele pendurou o rifle no
de anos, até ser vendido
ove dólares e uma caixa de
cadas. As outras munições lhe eram
res. Calibre 36, 30-06 e algumas que
de canhão em miniatura. O
tava com anulo. ele se
ros? Ainda assim, elas
ve do mostruário de via
artigos aereais. O balconista ou dor
ndo com um sorbo de calças v
também verde. Eles falava
tava em cima de outro m
rada. O sorbo mudou o fi
e os dois olharam e
tisse alto e o balc
re travam? Isso
dimita— fi
tudo é fi



Partamos da premissa de que o processo de criação literária de cada livro meu não é algo previamente definido. Nem definitivo nem imutável. Na verdade, nem existe um projeto prévio. A narrativa vai se consolidando à medida que a obra ganha corpo. Modifica-se de acordo com os desafios que me auto-imponho, ao estabelecer a tessitura da narrativa, na urdidura do enredo. Busco uma técnica estimulante – apaixonante – que mobilize minhas emoções criadoras, distantes do modelo clássico do narrador passivo, onisciente e onipresente. Este narrador com poderes divinos, assumindo o papel sobrenatural de espectador da comédia humana, como se dela fosse proprietário, não me agrada. Não me apaixona.

Não foi este o caminho técnico que escolhi em meus romances. Preferi construir personagens, ao mesmo tempo narradores e integrantes de seus enredos. Com eles me identifico de um modo intenso e peculiar, em cada um de meus livros.

Escrevo ao modo de *Em busca do tempo perdido*, em que seus personagens descrevem as situações com delicadeza e abundância de detalhes, esmerado senso crítico, sem ousar interferir no desenrolar dos assuntos. Na verdade, meu narrador se faz presente no enredo de modo discreto e reverente às forças do destino. Falam e contam suas histórias de modo circunvoluto, cientes da infinitude de suas narrativas, ao modo de Lauwrence Sterne em seu *Tristan Shandy*. Certamente esta é minha forma de ver o mundo, certamente plasmada em minha formação profissional como psiquiatra.

No meu primeiro romance, *Memórias de Isabel Cavalcanti*, a personagem que dá o nome ao livro assume a condução da narrativa expressando todas as suas características pessoais. Mulher de forte sentimento de família e compromisso com a memória da sua gente, deseja registrar a história dos seus ancestrais e descendentes desde os primórdios de Pernambuco. Sua língua ferina e senso crítico aguçado fazem com que denuncie a história oficial “registrada pelos cronistas á soldo do Reino”. Na época eu estava muito entusiasmada com meus estudos e descobertas genealógicas e

foi inevitável essa forte identificação com minha nonavó. Desejei transformar meus árdusos estudos sobre os Cavalcanti de Albuquerque em um registro agradável. Para ser lido pelos meus netos. Transformei-me em Isabel Cavalcanti.. Ao modo de Flaubert (*Madame Bovary c’est moi*) eu poderia ter dito: Isabel Cavalcanti sou eu.

Como acontece com os genealogistas. Isabel recria e analisa os acontecimentos a partir da visão da “ *petite histoire* ” Reúne fatos aparentemente sem importância, detalhes menores que transformam-se no cerne da verdadeira história. Essa visão da história, a partir dos detalhes mais humanos, marca todos os meus livros, mesmo os dois últimos, aparentemente dedicados à História maior.

Em *Luz do abismo*, a pesquisa genealógica prossegue tendo agora por objeto o isolamento da família nos confins do agreste pernambucano. Eu, autora, Maria Cristina, lá me faço presente em minha identidade real de pesquisadora. Deparo-me com sua velha parenta, Dona, agora eleita narradora da novela. A ela me entrego dócil e obstinada. Da relação entre nós duas nasce uma simbiose que aponta para as similaridades da autora intrusa – rara e discreta– com Dona, sua exuberante contestadora. Ambas têm em comum o aguçado senso crítico, a paixão pela busca do fato histórico, o senso de humor sutil e sensível. O livro termina com a morte de Dona. Ela me entrega (enquanto autora, personagem, real e ficcional) o que resta de sua existência devastada pelo tempo : suas memórias de família.

RUIVA, SARDENTA E DE OLHOS NEGROS

Em *Príncipe e corsário* desejei assumir um desafio técnico maior. Entreguei a narrativa do romance a Gaspar Dias Ferreira, um judeu, sem escrúpulos, boquirroto, amante do Brasil e amigo leal e secretário de João Maurício de Nassau. A minha entrega ao narrador se dá com absurda facilidade. O fio condutor é a sua capacidade de observação sutil e o esmerado senso crítico, qualidades minhas que não consigo disfarçar em nenhum dos narradores ficcionais de meus romances. Também nos une nosso sentimento de amor à terra, de fidelidade à pátria, compreensivo em uma pernambucana quatrocentona mas estranha em um judeu de múltiplas nacionalidades

Em *Olhos negros* a história das revoluções libertárias que engrandeceram Pernambuco passa a ser contada por Maricotinha, mulher apaixonada, expansiva, impulsiva, de incontidas emoções à flor da pele. Este seu caráter histriônico em tudo difere da minha natural reserva e autocontrole. Uma nunca chora. A outra chora, se enrubesce e se descontrola com frequência. Em comum, elas têm o mesmo senso crítico agudo e sensível, o mesmo gosto pela história, o mesmo desmesurado amor por Pernambuco.

Ruiva, sardenta, de brilhantes olhos negros ela não os tem azuis como os de seu amante, o general Abreu e Lima. Nem como os imaginados e irreais olhos azuis de *Gilberte*, personagem de Proust. Aqui a cor dos olhos da narradora representa, como os da autora, olhos reais, capazes de registrar uma história a ser confirmada pela posteridade.

Travestida em senhora amante da família (Isabel) , em velha ciosa de suas dolorosas lembranças (Dona), em um judeu desonesto e leal ao amigo(Gaspar Dias), em uma mulher culta, sensível, consciente de sua responsabilidade histórica (Maricotinha), a autora conduz enredos que buscam uma versão da história de Pernambuco, liberta dos grilhões das versões oficiais. Todos os meus narradores buscam uma narrativa dos acontecimentos liberta das vestes apertadas da verdade oficial. Sinto-me muito à vontade com todos eles. São, certamente, grandes amigos e diletos confidentes.

O LIVRO



Olhos negros
Editora Bagaço
Preço R\$ 30

PERFIL

Mutarelli, apenas um cara normal

A nova vida e o retorno aos quadrinhos de um dos nossos maiores autores

Paulo Floro



KARINA FREITAS



Em meados de 2008, Lourenço Mutarelli deu uma palestra em Brasília. Da experiência, guardou a lembrança do hotel barato e dos pouco mais de 150 reais de cachê que recebeu para falar sobre a importância de sua obra para as HQ's nacionais. Meses depois, voltou ao mesmo lugar, agora como escritor e o tratamento foi outro: van para levá-lo, hotel confortável e, pelo que consegue lembrar, quase dois mil reais de cachê. “No Brasil, existe um tratamento muito diferente entre autor de quadrinho e um escritor. E eu nunca fui muito aceito pelo meio dos quadrinhos, já pelos escritores eu fui tido como um igual, não como um ET, ou equívoco”, disse à época.

Hoje, Mutarelli é considerado um autor renomado, tem quatro livros publicados pela Companhia das Letras, mais três que devem ser lançados entre este ano e o próximo, ganhador do Portugal Telecom e seu nome está vinculado a projetos no teatro (como ator e escritor) e cinema. Não faz muito tempo, era cultuado apenas entre os iniciados fãs de quadrinhos, seres esquisitos que guardavam a feiúra de suas HQs como obras importantes do underground. Trabalhos cheios de angústia, traços sujos, meio expressionistas que fizeram a fama do autor, mas que, coincidência ou não, estão ligados a um período muito hostil ao escritor. Contribuíram para sua fama de autor maldito, dificuldades pessoais, como a síndrome do pânico, depressão e sua relação íntima com remédios controlados que fizeram parte de sua vida por mais de 20anos. Tudo era expelido lá, nos quadrinhos.

E é para lá que Mutarelli decidiu voltar em 2010, quatro anos depois de anunciar que *A Caixa de areia*, seria sua última obra em HQ. “Decidi abandonar os quadrinhos por que queria fazer algo diferente, já que não conseguia experimentar mais. Atingi um limite. Além disso, não dava dinheiro. O que ganhava da Devir era suficiente para pagar o aluguel e só”, relembra. A nova HQ deve sair no final do ano e vai se chamar *Quando meu pai se encontrou com o ET*, fazia um dia quente e será lançada pela Companhia das Letras em parceria com a produtora RT Features, responsável por projetos envolvendo autores de quadrinhos, como o filho de Laerte, Rafael Coutinho. Inspirada em livros infantis antigos, será pintada com tinta acrílica, desenhada na horizontal, com capa dura, uma ilustração por página. “Não tem nada a ver com o que já fiz antes

e isso me motivou a aceitar o pedido da editora em voltar a fazer HQs”.

O livro conta a história de um homem que, após perder a mulher, decide morar num barco e parte em uma viagem em busca de epifanias. Acaba encontrando dois companheiros, conhecidos do escritor, Mario Bortolotto e Paulo de Tarso, o Picanha, nomes ligados ao teatro paulistano. Tudo para mostrar que Mutarelli está bem à vontade com sua faceta teatral. Um testamento faz um dos filhos do protagonista ir à busca do pai para tentar levá-lo a uma clínica psiquiátrica e resgatar o dinheiro do seguro. “É mais complexo do que consigo explicar aqui, mas trata de temas como decadência e loucura”, avisa.

As experimentações no formato surgiram de um caderninho em que Mutarelli desenhava coisas aleatórias com caneta esferográfica bic. Eram desenhos, histórias inacabadas, rabiscos, rascunhos de personagens ou mesmo traços incompreensíveis. “Mesmo quando desisti das HQs, nunca parei de desenhar. Muitas vezes iniciava algo nesse caderno e deixava inacabado só para retomar depois, com novas ideias”, explica.

A decisão da Companhia das Letras de lançar uma nova HQ de Mutarelli traduz o prestígio que o gênero recebeu nos últimos dois anos, com editoras de tamanhos diversos brigando pelo ainda diminuto mercado de graphic novels, como são chamados os quadrinhos vendidos em livrarias. E se o relacionamento com sua atual editora ajudou Mutarelli a renovar sua força criativa nos quadrinhos, foram desavenças com a Devir, sua antiga casa, que catalisaram seu divórcio com a arte sequencial.

ENTRE COCHICHOS

Sentado no chão da Livraria Cultura, do Recife, Mutarelli cochicha uma história nunca contada sobre os bastidores de sua saída da Devir, editora conhecida entre leitores de quadrinhos e jogadores de RPG. Um conflito iniciado com um dos editores deu início a uma série de desavenças que motivaram sua saída. “Em a soma de tudo-Parte 1, eu desenho um dos editores. Era uma homenagem que fiz pra ele, mas ele não gostou. Então eles exigiram que eu retirasse ou iriam recolher, o que acabaram fazendo em Portugal. Nunca tinha sofrido censura, achei um absurdo eles exigirem que eu mudasse a história”, lembrou.



Em dezembro de 2008, Mutarelli estava no Recife para participar de um evento literário e autografar seu então novo livro, *A arte de produzir efeito sem causa*. Pequeno e vestido de cinza e bege, que parecia escondê-lo da multidão, ele me convida para sentar ao lado de uma das pilastras próximas ao auditório, agora vazio. De semblante calmo, Mutarelli se mostrou bem articulado, falante, mas sempre com a fleuma ligada. E continuou a falar de seu casamento com a Devir. “Eles acreditaram bastante no meu trabalho no início, mas começou um desgaste quando não quiseram publicar romances meus, só quadrinhos. *O cheiro do ralo* foi editado depois de muitas conversas. Até o Arnaldo Antunes, que conheceu a obra, intercedeu para que o material saísse”, relembra, intercalando suas lembranças com goles de alguma bebida num cantil de metal. “Também pedia uma distribuição melhor, novas edições de livros esgotados, revisão. A Devir foi bom, pois pude experimentar, mas a nossa relação não foi tão boa pra eles quanto foi pra mim. Dizem que foram traídos, ficaram irritados com minha saída”, diz, encerrando o papo e a bebida.

Sem contrato assinado nem acordos editoriais, a relação de Mutarelli com sua antiga editora ainda segue com machucados reclamados por ambas as partes. O autor rezinga que não recebe por seus direitos autorais nem tem como levar seus trabalhos para seus novos editores. Já a Devir, diz que o seu antigo autor deu prejuízo. “Eles me pagavam um salário que dava pra pagar o aluguel e agora reclamam que aquilo eram adiantamentos referentes aos direitos da obra”. Atualizados para este ano, a Devir calcula em cerca de R\$ 70 mil o débito de Lourenço. Resultado: a obra em quadrinhos segue estacionada e alguns títulos estão esgotados sem previsão de uma nova edição.

No intervalo de seus desenhos para a nova HQ, Mutarelli concedeu uma longa entrevista por telefone para o **Pernambuco**. Na conversa, lembrou os problemas que teve com quadrinistas contemporâneos, como Laerte, com quem diz “ter ficado triste e decepcionado”. A hostilidade seria fruto de uma incompreensão do seu trabalho inicial, nos anos 1980. “Minha geração era muito fechada. Tiraram muito sarro do que eu fazia e o Laerte foi um cara que me sacaneou muito, mas foi algo que ele até já pediu desculpas publicamente”.

Naqueles anos 1980, considerados pródigos para

os quadrinhos, as bancas traziam bastante material nacional. Duas revistas faziam sucesso, a *Chiclete com banana*, com Angeli, Glauco e outros autores, e a *Circo*, que tinha uma linha mais experimental e era editada por Laerte. Até mesmo o gênero super-heróis teve seus clássicos nesse período, como *O cavaleiro das trevas* e *Batman* – A piada mortal. Mutarelli era leitor desse momento fértil. No começo dos anos 1980, gastava quase tudo que ganhava nas bancas de revistas. Foi por essa época que conseguiu um emprego na produtora de Maurício de Souza, onde começou fazendo intercalações na produção industrial que são os gibizinhos da *Turma da Mônica*, para depois desenhar cenários para as animações.

Se o contraste óbvio com seus trabalhos autorais já não chamassem atenção suficiente, a passagem pelos estúdios de Maurício de Souza impulsionaram Mutarelli a criar tiras de humor. Ele criou as histórias do *Cãozinho sem pernas*, que, consideradas “estranhas”, não fizeram muito sucesso. Dessa sua fase independente, dois títulos foram importantes para a carreira do autor, *Over-12* (1988) e *Solúvel* (1989). Elas tiveram 500 exemplares impressos pela Pró-C, antiga editora do desenhista Marcatti, nome importante dos quadrinhos underground dos anos 1980. Logo depois, publicou algumas histórias na revista *Animal*, também ligada a nomes das HQ’s alternativas e editada por Fábio Zimbres. “Foi um período muito empolgante de se trabalhar, de consumir quadrinhos”, relembra Lourenço. “Meu pai tinha medo que eu me ferrasse ao me ver mexendo com aqueles desenhos. Queria um emprego fixo, normal”.

E os anos seguintes não seriam mesmo fáceis. Crises psicológicas muitas vezes o impediam de trabalhar. Personagem dessa fase, sua mulher, Lucimar, foi apoio importante, sobretudo financeiro. “Ela trabalhava como professora em escolas particulares e ajudou bastante na casa, enquanto eu me dedicava a construir alguma coisa com meus quadrinhos”. Mutarelli chegou a escrever uma obra dedicada à esposa, *Eu te amo*, Lucimar, em 1994. Os dois estão juntos há 20 anos. “Ainda amo muito a Lucimar, mas não gosto tanto do desenho da HQ”, brinca Mutarelli. Aos 46 anos, tem um filho de 14, Francisco, que “não sabe nem abrir um livro e que não lê muitas HQs”. Essa nova geração de leitores de quadrinhos descobre um novo Lourenço

Mutarelli e, por enquanto, idealiza sua obra anterior, embargada pela Devir. Com os novos autores, mantém boas relações. “Esses jovens estão menos carregados de preconceitos, têm menos reservas. Sempre me trataram muito bem”.

Mutarelli passou 15 anos sem beber. Em 2008, voltou à bebida como um passo na libertação que teve de seus remédios de uso controlado. Fruto de traumas de sua juventude, por vezes o escritor passava por crises longas, que o impediam de sair da cama, ou mesmo de falar com as pessoas. Nesses períodos insólitos, Lucimar cuidava da casa e fazia o gerenciamento da vida do marido. “Atualmente só não deixei o [antidepressivo] Lorax, que ainda tomo por recomendação médica”. Fumando um cigarro atrás do outro, Mutarelli começa seu dia bem cedo, levando o filho à escola. Deixa Lucimar na Livraria da Vila, onde trabalha atualmente, para então começar seus trabalhos. Sua nova HQ é sua maior preocupação agora, mas avisa que o trabalho ainda está no começo, com mais de um dia por página.

Sua editora ainda prepara para este ano um livro dentro da coleção *Amores expressos*, em que escritores são mandados para cidades em diversos lugares do mundo, onde ficam por um mês. Mutarelli foi à Nova York, que deu origem ao *Ninguém gritava na ponte*, mas a experiência não foi muito boa, e o resultado ainda não o agrada. “Eles me mandaram para lá de novo, e eu cheguei a re-escrever o livro, mas ainda é um trabalho que não me deixa feliz”, revela. A Nova York que Mutarelli conheceu não o causou espanto, estranheza e ainda deu origem ao seu primeiro bloqueio criativo. “Parecia um grande centro de compras e tudo era bastante familiar”. Em julho, sai o novo livro, *Nada me faltará*, escrito apenas com diálogos. Conta a história de um homem que, após desaparecer com a mulher e filha, reaparece misteriosamente sem elas e não se lembra do que aconteceu.

O celular interrompe a conversa. Precisa buscar a esposa na livraria. Acenderá ali um novo cigarro antes de terminar mais um dia de trabalho. Talvez assista a um pouco de TV quando voltar. “Preciso ser disciplinado”, diz. Para quem, meio sem querer, construiu uma carreira de autor maldito, Mutarelli vive sua melhor fase. Desta vez, como um cara comum.



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.
0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



CONCURSO Cepe LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

REGULAMENTO

1. A participação estará aberta a todos os brasileiros natos e naturalizados, residentes no território nacional. Funcionários da Cepe e seus parentes em primeiro grau não poderão participar.

2. Haverá duas categorias de inscrição:

- Infantil (destinada ao leitor entre 6 e 10 anos)
- Juvenil (destinada ao leitor entre 11 e 16 anos)

3. Cada participante poderá concorrer nas duas categorias.

4. As inscrições estarão abertas de 1º/04/2010 a 30/06/2010, sendo considerada a data de postagem dos originais nos Correios. Após 30 de junho de 2010, não serão aceitas inscrições.

5. Os originais deverão ser endereçados à Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife – PE – CEP 50100-140.

6. Os originais deverão ser inéditos e escritos em língua portuguesa. Entende-se por inédito o original não editado e não publicado (parcialmente ou em sua totalidade) em antologias, coletâneas,

suplementos literários, jornais, revistas, sites e publicações do gênero.

7. A identificação dos originais deverá ser feita por meio de pseudônimo, e todas as cópias deverão ser identificadas somente pelo pseudônimo. Paralelamente, em envelope lacrado e identificado com o pseudônimo, o participante deverá apresentar seus dados pessoais (nome completo, endereço, telefone, e-mail, número de RG e CPF, profissão).

8. O candidato deverá enviar cinco cópias de cada original, obedecendo à seguinte formatação:

- Word, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento duplo.
- Páginas numeradas e impressas em papel carta ou A4, grampeadas ou encadernadas.

9. Poderão ser inscritos originais com ilustrações já inseridas, porém apenas o texto será julgado. Havendo publicação da obra, a diretoria da Cepe poderá optar por ilustrá-la segundo critérios próprios de editoração.

10. Os originais em desacordo com essas normas serão desclassificados.

11. A comissão julgadora, composta de cinco membros, será nomeada

pela diretoria da Cepe, sendo formada por quatro especialistas em literatura infanto-juvenil e um(a) representante da Companhia. A composição do júri será mantida em segredo até a nomeação dos vencedores do concurso.

12. A decisão da comissão é irrevogável. O anúncio do resultado deverá ocorrer no mês de setembro, sendo publicado no *Diário Oficial do Estado de Pernambuco* e no Portal da Cepe. Os vencedores de cada categoria receberão os resultados por e-mail, pelos Correios ou por telefonema.

13. A festa de premiação do *I Concurso Nacional Cepe de Literatura Infantil e Juvenil* deverá ocorrer 15 (quinze) dias após a divulgação dos resultados.

14. O primeiro colocado de cada categoria receberá um prêmio de R\$ 8.000,00 (oito mil reais); o segundo colocado, R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e o terceiro, R\$ 3.000,00 (três mil reais).

15. A Companhia Editora de Pernambuco – Cepe terá exclusividade na edição das obras vencedoras. Poderá, também, manifestar interesse pela edição de trabalhos não premiados no concurso. Assim, durante o prazo de 10 meses, a contar da data de divulgação dos resultados do concurso, poderá haver contato com os autores de obras recomendadas pela comissão, visando adquirir os direitos de publicação.

16. Os originais e demais documentos entregues à Cepe não serão devolvidos.

17. A apresentação de originais para participar do *I Concurso Nacional Cepe de Literatura Infantil e Juvenil* implica no total acordo às normas aqui expressas.

INSCRIÇÕES
1º de abril a 30 de junho de 2010

REGULAMENTO NO SITE
www.cepe.com.br



Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

SECRETARIA
DA CASA CIVIL

GOVERNO DE
Pernambuco

César Philippini
INÉDITOS

SOBRE O AUTOR

César Philippini
é poeta e estudante.
Vencedor do Prêmio
Literatura no Celular 2009,
da Fliporto. Participou do
livro Contos de Oficina

Uma causa morta

O que fazer,
Maiakóvski,
O que fazer,

Se eles comem ratos, arrotam felicidade, e nem se arriscam a levantar os olhos?
Nada é gritado nas ruas.
Não há revoluções, protestos, mudanças...
Nada!

Os jovens possuem cabelos do espaço e metal nos lábios e narizes.
Bitolados eles seguem, zumbizando pelos esgotos pútridos da cidade.
O que esperar dessa falange alienada?

Eu,
não tenho pernas
não tenho voz
não tenho alma.

– Vamos falar sobre o caos.
Que caos?
Tudo se faz neutro e vazio diante dos meus olhos.
Onde estão os companheiros de dor?
Fugiram sem mim para a batalha vã?

Esqueceram – me na correria!

Eu,
tenho olhos marejados
mãos escarlate

Pintadas com o sangue de meus companheiros fracos de memória.

E agora, dizem que os tiranos voltam!
Que besteira.

Ouçam – me crianças loucas
Os tiranos não voltam pelas montanhas as nossas costas,
Nem pelos mares,
Nem pelos ares, com seus aviões supersônicos.

Os tiranos não voltam, pois daqui nunca saíram.
Sempre fincados na terra
Envenenando nosso solo
Envenenando nossos recém nascidos
Matando – nos aos poucos
de raiva
de dor
Uma tristeza aterradora.

Eles vivem. Eu vos digo.

Eles vivem.
E o meu sangue que circula por conta de um descuido infantil
Agora ferve,
mergulhado numa tormenta silenciosa chamada angustia.

Como encerrar um poema amargo,
Como encerrar uma vida infundada;
Sem ponto, nem virgula
Sem alegria, e sem lamurias?

Melhor seria por um balaço em tudo
E o poema se encerraria por si só
Lentamente banhado em sangue.



No dia em que Lady Gaga (quase) desapareceu no rabo de um foguete

Tudo começou um pouco antes, nos bastidores, na gradação, em todo o cerne do sábado de uma semana pré-carnavalesca, entorpecido de lolô e regado a muita cachaça. Um sábado que antecipa o de Zé-Pereira, o de Iemanjá e Oxum, o de Momo e outras majestades, cultuadas de formas várias. Um sábado em que houve muita fechação, bebida alcoólica e outro tipo de dependência.

Essa estória traz como matriarca a rainha das rainhas (peço licença a uma amiga minha, pois ela pronunciou essa expressão referindo-se a uma outra amiga), a protagonista: Catchesia, a Xuxa Meneguel, Angélica, Mara Maravilha, Branca de Neve, Bruxa Marraquexe... Um poço de delicadeza...

Até ingerir a sua porção de Suco Gummi (/G/ /A/ /M/ /I/). E, ao o fazer, se transforma. Vou contar-lhes como.

Bem, no carnaval passado escolheu uma fantasia em tributo a uma cantora (que por uma questão ética, não poderei dizer-lhes quem foi, mas ela foi condenada a dois anos de prisão em liberdade condicional por ter agredido o gerente de um teatro. Que coisa, não?), e conseguiu ser mais autêntica do que a própria cantora. (Acreditem!)

Depois de fechar tanto, ela ficou sem norte, sem sorte, sem relógio, sem dinheiro e sem celular; sobretudo, pelo fato de sua arquirrival, a Brenda Bechara, ter fechado mais do que ela, se travestindo sob o alterego de Mística: a Misteriosa. Inclusive, essa Drag

Queen, assumindo outro alterego, ou incorporando a Pombajira Farrapo, ou ambos, fez pipocar os salões por onde passou, seja o de beleza, seja o de festa.

Mas a Catchesia, ela é artista. Tomou sua boa porção (até porque o EXU dela não bebe com adoçante, citando a letra de uma canção da banda – entendam, não é Umbanda – Negroove) e incorporou a personagem que tão sabiamente escolheu. Ela bateu cabelo no chão, chão/ Leque no chão, / Chão, chão/ Cachaça no chão/ Moeda no chão/ Xoxota negão!

(Ela arrazô! Abalou Bangu, Redenção, Lídia Queiroz, Caiçara I e II, Ilha do Rato, Iraque, Irã, Matriz, COHAB, Lagoa Redonda, Alto José Leal, Churrasquinho do Bel, Maués, Pacas...

...Mário Bezerra, Dique, Livramento, Maranhão e outros logradouros por onde passei e aqueles que imagino como sejam.)

Essa fechação toda foi na Segunda-Feira da Carne: um dia em que alguns brincantes já estão gastos de tanto revertério, até porque ainda resta a Terça-Feira do Churrasco, o dia do abate, o dia da festa, já que, após o almoço, vem o sono, a ressaca e as cinzas do carvão, no meio da semana: ao melhor estilo Quarta-Feira do Carvão, para fechar, enfim, algumas porteiras espalhadas pelo nosso mundo, abertas pelas divindades celebradas e citadas no início da estória. Porém, alguns consumidores estão prolongando o fechamento das porteiras. (Haja carne!)

Nessa segunda, que, para alguns, foi de preparação de e para As Brásas (Uma referência menos velada a uma troça carnavalesca, ou melhor, uma troça que se quer bloco) – com perdão do trocadilho –, foi o dia de Cacá Meneguel.

Cabelo no chão, porque, bem, quem sabe, ótimo!

Quem não sabe, pergunte à própria ou às meninas da Praça da Matim.

Para quem desconhece essas lindas e adoráveis mancebas, são: a Edilza Pacheco (mais conhecida como Edilza Riachão), a Dulce Mafalda, a Paola Cabrita e a Cleide Mizera.

(Risos!)

Caca é cabeleireira. Nas horas vagas, faz uns desenhos em tecido. Quando está a fim, e isso parece-me se tratar de um estado permanente, já que ela sempre está disposta e “disponível”, faz uns trabalhos de costura, esculturas em barro, Durepoxi e arame, e cortinas para fora, mas, raras vezes cobra pelo resultado de seus serviços.

Não houve escolha melhor ao incorporar uma cantora que se percebe, dentre outros tantos elementos, pelo Cabelo: O ouro de Midas, A força de Sansão, A fraqueza de Dalila, O que veste e reveste todo o primo Iti, da Família Adams, O que deixa Marge Simpson mais engraçada, um dos objetos de desejo de inigualável estima, que, nas mãos da Cacá, se materializa e ganha forma.

Ela ficou mais idêntica do que a própria cantora, em pleno es-

tado de entorpecentes, cachaça e fumo.

Nesse mesmo dia, uma notícia lhe deixou PAS-SA-DA a ferro Black & Decker, publicada pela boca da sua arquirrival, a Brenda Bechara (Também conhecida como aquela que é).

Estava a nossa Cacá a acompanhar a... (inda) troça (Ou o troço) As Brásas (Bem, seguirei o comentário de uma amiga minha, a Lilith, que sugeriu a mudança do nome da troça ao afirmar que: “Umas Brásas que tão mais pra Cinzas de Cigarro”, pronunciado no mais autêntico som nasalizado). Sugiro As Cinzas.

Estava em companhia das suas amigas da Praça da Matim., quando avistou a Brenda. Ela não teve demora, foi até a sua companheira de desejo sexual e conheceu uma rival à altura. Depois de reconhecer a originalidade da fantasia da Drag, lembrem-se, foi de Mística: A Misteriosa, Cacá lhe perguntou se já havia escolhido a produção para a carnávia seguinte.

– Já. – Disse a Brenda com uma joga de sobancelha, a esquerda, que chegava na nuca.

– Qual é? – Perguntou a Catchesia, sem nenhuma pretensão, apenas para se orientar durante a escolha da sua fantasia.

Esperando a Cacá tomar ar após a elaboração e publicação da pergunta, respondeu a Brenda: – Cheetara!

– Cheetara?! Fechou! Abalô! Que frango é esse, hein?! Que Trava é essa, hein?! Minha gente, ela abalô! (Clac-clac) É pra tomar

SOBRE O AUTOR

Kléber de Oliveira Silva
Formado em letras, esse é seu primeiro conto publicado e, segundo ele, é sobre estar bêbado em pleno carnaval



no pi-piu! (Clac-clac) – Verbalizava a Cacá, seguida de uma série de aplausos que ela mesma fazia questão de fazer, seja com as mãos ou com a boca.

A Brenda, por sua vez, permaneceu na mesma postura, apenas observando as reações provocadas ao revelar a personagem da sua próxima produção, acompanhada de um leve sorriso maligno e, ao mesmo tempo, boboca, à moda de Soraia De La Vega, Paola Bracho e de outras vilãs de novelas mexicanas, Madrastra da Branca de Neve e Maligna, do He-Man.

Cacá de fato reconheceu que tinha uma inimiga fidal.

Após um ano de busca, nenhuma ideia surgia. Cada vez ficava mais difícil escolher uma personagem à altura da sua rival. Foi então que, em pleno ápice de uma manifestação de desvario, provocado por altas doses da sua porção vital alucinógena, teve uma espécie de epifania: Escolheu a dedo a personagem que substituirá a persona incorporada no carná passado.

Novamente uma cantora, que servirá de modelo de conduta à protagonista pelos próximos dias, até chegar a próxima festa de Momo, e que atende sob a alcunha de Lady Gaga. Diante de tal escolha, parece-me que o critério de seleção da Cacá é o mesmo: Personagens que merecem o Título de Maior Fechação, Ilaruê e Revertério e trazem o Cabelo como um dos caracteres da produção visual. A diferença reside no fato de a Srta. Gaga não ter agredido ninguém e, até agora, não ter sofrido nenhum processo judicial. Sua manifestação é bem diferente: Incinerou um piano em pleno show, na festa de premiação de um festival de música, e o seu figurino, seja em shows ou em outros eventos ligados à música, é um misto de características futuristas, cibernéticas e psicodélicas.

Mas o sucesso da produção da Cacá dependia tanto do cabelo, quanto da dona do cabelo: Edilza

Riachão tinha a peruca ideal, a que iria bailar a fantasia da Catchesia.

Porém, no carnaval passado, houve um ilaruê entre elas, provocando, supostamente, uma celeuma, uma cizânia, na amizade. No auge do desvario, a Cacá começou a fechar, e fechava tanto. Tanto, que ofuscava quem estivesse por perto. Tomada pelo impulso, Riachão puxou a peruca da Cacá, levando consigo o brilho, o glamour e a euforia da protagonista. Sem reação, Cacá foi sendo levada pelos efeitos das altas doses da sua Porção e começou a peregrinar por veredas distorcidas e desconhecidas da sua inconsciência. Foi então que, descabelada, flertou dois bofes e, não sei como, os arrastou até o seu salão, no bagageiro de três moto-taxistas.

– A passo! – Berrava a cabeleireira para os três moto-taxistas, temendo o fim do efeito da porção. Sabe-se lá o que aconteceu.

Após a varredura de confetes, serpentinas, lantejoulas e camisinhas, as “amigas” resolveram, por bem, estabelecer uma espécie de cessar-fogo e a relação entre ambas não passava de uma simples convivência amistosa.

E diante do ocorrido, Cacá ficou ensimesmada em pedir a peruca à Edilza. Foi então que, através de uma amiga em comum, e, melhor, muito mais íntima, a Clotilde Nicole, a Clô, Catchesia conseguiu a cabeleira ideal para a sua produção. E fez questão de antecipar parte da sua performance numa festa para meia dúzia de convidados, longe dos arredores do salão das meninas da Praça da Matim. Todo o público presente reconheceu a autenticidade da protagonista, mesmo sendo apenas uma amostragem do que viria ser a verdadeira Lady Gaga. E, aproveitando-se da ocasião, Cacá resolveu ficar com a peruca, provocando a ira de Edilza.

Riachão, indignada, resolveu procurar um aliado ou uma alia-

da ou os dois ao mesmo tempo. Sem sucesso, buscou ajuda humanitária da antagonista da história: a Brenda Bechara, Mística: A Misteriosa.

Tão experiente quanto, a Brenda fez um figurino impecável para Edilza. Um traje inspirado em uma das produções da Lady Gaga.

– A Catchesia que me aguarde! – Expressou Riachão num mix de terror e deboche.

– Nós vamos fechar com a cara dela! – Prosseguiu Brenda antecipando a dupla vitória sobre a cabeleireira.

O último passo a ser conquistado era o de recuperar a peruca. A Clô anda sumida. Cabia a própria dona recuperar o que lhe pertencia. Foi então, que, num deslize, Catchesia deixou sua bolsa no Salão das Testemunhas (Ops!), das meninas da Praça da Matim, enquanto foi a uma barraca comprar cigarros. Edilza não pensou nada, abriu a bolsa da Cacá e recuperou a cabeleira postiça, que era sua por direito.

A protagonista, por sua vez, só deu pela ausência da peruca quando já estava no seu próprio salão, prestes a se travestir para a troca As Encabaçadas, ocasião em que todas as Divas se encontram, em plena semana pré.

Atordoada, Cacá se vestiu toda, deixando a peruca para o Grand Finale da sua produção. Estava atrasada e tinha plena certeza de que o cabelo estava no salão das amigas. E de fato tinha.

Quando chegou ao salão, começou a procurar e nada de encontrar o seu objeto de desejo.

– O que farei? Sem a peruca ninguém reconhecerá o meu personagem e a Brenda vai fechar mais do que eu! – Angustiou-se a nossa protagonista, temendo por algo pior.

– Em compensação, Darling, a Edilza tá fechando! – Comentou Paola Cabrita, ao reconhecer a peruca na cabeça da própria dona, acompanhada de um figurino luxuoso: um sobre-tudo

feito de tapete de urso polar, com a cabeça do animal e tudo na cauda da capa, que se arrastava pelo asfalto selvagem das ruas da Praça da Matim. Por baixo, um vestido curto de mangas longas, de cor dourada, semelhante a um figurino usado pela cantora, no início do clipe da canção *Bad romance*. Para os pés, um par de sapatos plataforma, salto fino, da mesma cor do vestido.

– Ela tá parecendo um travesti! Observava Mafalda às amigas do salão.

E, para os olhos, um par de óculos escuros quadrados hiperfuturista, ao ponto de passar a seguinte frase pelas lentes, lembrando um painel eletrônico:

– Seu carnaval acabou, Cacá! A Lady Gaga sou eu!

Imediatamente, Cacá foi até a janela e avistou o que seus olhos tentavam embaçar a fim de não provocar um abalo maior: ver sua companheira de grupo ladeada por sua arquirrival, Brenda Bechara, travestida de Cheetara. Reconhecendo sua impotência ante essa situação, Cacá saiu desorientada, desnorreada, destrambelhada, desgovernada, apenas com o (ul) traje da personagem, (não só) por ela escolhida, e sua cabeleira – natural das mãos da Mamãe Natureza.

Cruzou a rua e saiu sem rumo. Parou numa barraca ambulante, acendeu seu cigarro e tomou uma dose da sua porção mágica. Desceu goela abaixo. De longe, avistou Edilza e Brenda comemorando o feito e aguardando a saída do bloco As Encabaçadas, regadas a muita Champanhe e muita fechação.

O que elas e outras não sabiam é que a produção da Catchesia vai muito além do figurino, da maquiagem e da peruca. Ela incorpora de fato a personagem. Quando se fantasiou da cantora drogada, só faltou ser presa, mas fez coisas tão absurdas quanto a artista. E dessa vez não seria tão diferente.

Percebendo que o bloco estava prestes a sair e observando toda a movimentação da equipe responsável pelos fogos de artifício, anunciando a saída, Cacá resolveu dar o troco no melhor estilo da personagem que escolhera: Correu em direção aos fogos e pegou 1 bastonete de tiro de 12. Não sei como mas encontrou uma porção de querosene. Encheu a boca com o líquido flamejante, riscou o isqueiro, mirou o alvo a ser atingido, e, cuspid o produto e, consequentemente, fogo, acendeu e disparou o foguete em direção à janela do Salão das meninas da Praça da Matim, provocando uma grande euforia, na galera, que passava correndo, supondo ser um ataque terrorista, e na própria terrorista.

Foi uma alegria tal que não se conteve ao ver a reação de desespero das suas opositoras, resumindo em apenas uma gargalhada gostosa o sentimento que agora lhe bombardeava

Do 1º andar, em meio a uma grande nuvem de fumaça (E não era gelo seco), só se ouvia um grito em uníssono:

– Você destruiu meu carnaval! – Exclamado por Edilza e Brenda, completamente destruídas pelo efeito do tiro.

– Eu sou a verdadeira Lady Gaga! – Replicava a protagonista, extasiada por ter feito tamanho estrago.

Ao contrário dessas e de outras rivais, que apenas se travestiram de personagens, Cacá não só o fez, contudo, incorporou, de fato, a sua musa inspiradora. E o mais interessante é que essas personagens loucas convivem no âmago da cabeleireira, não apenas do período carnavalesco, mas pelos próximos dias e meses. Basta, apenas, despertá-las que o espetáculo se inicia. Ou, basta vir os festejos de Momo e abrir as portas do Mundo para que Cacá assuma outra personalidade, distante ou não daquela que lhe traz a dor e a delícia de ser o que é.

RESENHAS



Marjane Satrapi nos ensina como ventilar o coração

Em sua nova graphic novel, autora de Persépolis revela o que pensam suas conterrâneas

Diogo Guedes

Poucos autores de *graphic novels*, o equivalente dos romances autorais nos quadrinhos, conseguiram transpor o ambiente da arte sequencial como Marjane Satrapi. *Persépolis*, obra que mistura sua trajetória pessoal com um retrato social e cultural do Irã, não só foi considerada pela crítica especializada como uma das principais realizações das HQs, como atingiu um público desacostumado com a linguagem. A principal prova desse alcance foi a adaptação para os cinemas, de título homônimo, que chegou a render à quadrinista uma indicação ao Oscar de melhor animação.

Em *Bordados*, Satrapi mais uma vez se dedica ao tema da vida no Irã, agora focada exclusivamente no universo feminino. No país, depois do almoço, é costume que os homens se recolham para fazer

a sesta. Enquanto isso, as mulheres se ocupam tirando a mesa, tomando o *somovar*, bule de chá iraniano, e se reunindo para falar mal dos outros – “ventilar o coração”, segundo a avó de Marjane. O livro se passa durante uma dessas conversas, em que nove mulheres contam casos pessoais ou histórias de terceiros relacionados ao casamento, ao sexo e à cultura de valorização da virgindade na cultura iraniana, não muito diferente do tradicionalismo ocidental, elas lembram.

De fato, o título de *Bordados* quase nada tem a ver com tricô: é uma referência a cirurgia de reconstituição de hímen. A obra apresenta, a partir de pequenos relatos – desconexos como uma conversa comum –, uma visão complexa das mulheres no Irã,

sejam elas tradicionais e conservadoras ou emancipadas. Ainda assim, o livro se mantém como uma narrativa solta, quase sem interferências da voz da autora, livre até da formalidade gráfica dos quadros.

Bordados também representa o caminho temático escolhido por Satrapi. Depois de *Persépolis*, que engloba sua vida por quase todos os ângulos, a autora se manteve no terreno da narrativa pessoal, mesmo que com outros personagens como foco. Satrapi não tem a veia jornalística de um Joe Sacco, principal expoente da reportagem em quadrinhos, para tratar metodicamente de um tema grandioso como esse, mas, em *Bordados*, compensa com leveza e franqueza, baseando-se quase que exclusivamente em

diálogos. Não consegue se equiparar com o impacto de *Persépolis*, mas pudera: vidas como a de Satrapi não se encontram em qualquer esquina, e nem a autora pode narrar todas com a propriedade que fez com a sua.



HQ

Bordados
Autor: Marjane Satrapi
Editora: Quadrinhos na Cia
Preço: R\$ 35,00
Páginas: 136

Mariza
Pontes

NOTAS
DE RODAPÉ

CHÁ DE PANELA

Em novo leilão literário, os manuscritos da estreia de Marcelino Freire, *Angu de Sangue*, vão à leilão

Um dos grupos que mais movimentava o cenário cultural/literário do Recife, o Urros Masculinos, promove o II Leilão de Manuscritos e Originais de Escritores de Pernambuco, dia 25, a partir das 20h, que será realizado no Espaço Muda, na Rua do Lima. As provas de *Angu de Sangue*, livro de Marcelino Freire com desenhos de Jobalo, lançado há dez anos, será um dos leiloados,

além de poemas da carioca radicada em São Paulo, Bruna Beber. O evento foi batizado de “Chá de Panela” numa referência ao “casamento da raposa” que acontecerá na festa literária FreePorto deste ano, cujos recursos são em parte angariados no leilão. Um recital, exposição fotográfica e o anúncio dos homenageados deste ano, vão movimentar a noite.

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



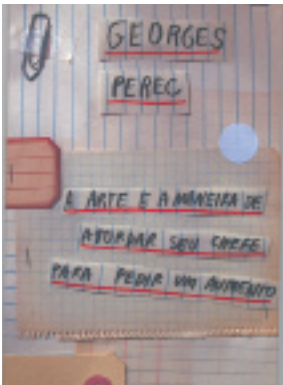
O fetiche da repetição

A obra começa com um inusitado organograma sobre como pedir um aumento para o seu chefe. Deslocado do seu habitat original, os livros de autoajuda, o passo-a-passo para se obter um salário melhor é não só o roteiro, mas também a principal sacada de *A arte e a maneira de abordar seu chefe para pedir um aumento*, de George Perec.

Perec, conhecido como um dos principais autores franceses do pós-guerra, mais uma vez se propõe uma escrita regrada, definida por um conceito previamente estabelecido. A intenção, desta vez, é transformar em texto linear o conteúdo de um organograma, destilando ironia e crítica.

O humor do livro mira no absurdo que provém da racionalidade burocrática do homem moderno, condenado, a partir do medo, a planejar cada ato ínfimo e a aspirar, se muito, um

aumento salarial. Ainda assim, o texto cai em uma repetição cíclica cansativa, como se para mostrar a desesperança do subordinado em relação ao seu desejo. A proposta inicial é seguida à risca, mas as regras não deixam muito espaço para outros elementos literários. (DG)



EXPERIMENTAL

A arte e a maneira de abordar seu chefe para pedir um aumento

Autor – George Perec

Editora – Cia das Letras

Preço – R\$ 29,50

Páginas – 88

DIVULGAÇÃO



Inocência envergonhada

Com uma carreira literária que começou aos 17 anos, Marie NDiaye é uma das mais respeitadas autoras contemporâneas francesas. *Coração apertado*, seu décimo romance, o primeiro lançado no Brasil, apresenta Nadia, narradora e protagonista, que, junto com o seu marido Ange, passa a estranhar a atitude das pessoas que os cercam.

Os motivos do incômodo – que não cresce em proporção, mas se mantém onipresente, como uma paranoia – começa quando a personagem se percebe atravessada de olhares hostis. Apesar disso, Nadia segue confiante, dizendo a si mesma que não fez nada de errado, como se conformada com a angústia e a náusea que passa a carregar – “Nós nos sentimos inocentes, mas temos vergonha”, explica.

Equilibrando-se entre o drama e o relato pessoal, o texto mantém a aura de

mistério, ainda que os fatos sejam encarados passivamente. É como se Nadia notasse que o asco alheio é mais que uma impressão: trata-se de uma vontade de escapar de quem ela se tornou, uma necessidade não só social, mas também física, de se reconciliar com quem ela já foi. (DG)



DRAMA

Coração Apertado

Autor – Marie NDiaye

Editora – Cosac Naify

Preço – R\$ 50

Páginas – 272

PRATELEIRA

MONJA COEN – A MULHER NOS JARDINS DE BUDA

Romance biográfico sobre a primeira mulher a ocupar a presidência da Federação das Seitas Budistas no Brasil. A autora, psicoterapeuta paulistana que utiliza elementos da literatura, música e escrita em seu trabalho, oferece neste livro um panorama do zen budismo e traça um retrato histórico e social de várias épocas, a partir de 1950, focalizando as relações de Coen Sensei com a família e sua busca espiritual, alcançada com o ingresso num mosteiro budista, no Japão, e o engajamento nas lutas em busca da paz, após seu regresso ao Brasil.



Autor: Neusa C. Steiner

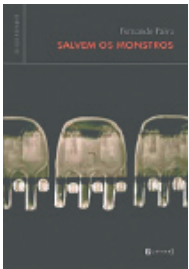
Editora: Mescla Editorial

Páginas: 264

Preço: R\$ 53,90

SALVEM OS MONSTROS

O tênue limite entre o bizarro e o humano é explorado pelo autor carioca, que se utiliza de situações cômicas e personagens pitorescos para fazer o leitor se questionar sobre quem precisa de salvação. Os personagens compõem uma simpática galeria de pessoas loucas, aberrantes ou simplesmente diferentes, mas estranhamente familiares, entre os quais estão um *chef* que não tem paladar, uma vidente que vê o futuro nas pintas do corpo, e um tradutor genial que reescreve um livro medíocre e o transforma numa obra prima.



Autor: Fernando Paiva

Editora: 7Letras

Páginas: 168

Preço: R\$ 29

HISTÓRIA DOS GERAIS

Semelhanças entre personagens da literatura mineira e os habitantes do Alto-Médio São Francisco ilustram os resultados da pesquisa, realizada de 2007 a 2010, que focaliza as formas de ocupação do solo e a persistência do homem em praticar agricultura numa região onde a água é bastante escassa. A bela arte da capa, que mostra elementos da cultura da região, como o carro de boi e o buriti, foi inspirada no trabalho das bordadeiras de Montes Claros, em Minas Gerais.



Autores: Eduardo Magalhães Ribeiro

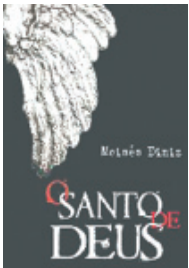
Editora: UFMG

Páginas: 329

Preço: R\$ 55

O SANTO DE DEUS

Ignorância, miséria e fanatismo motivaram os acontecimentos em Lavras, comunidade do Acre, palco de um exemplo de fanatismo religioso que acabou em tragédia, com o assassinato de seis pessoas e espancamento coletivo dos moradores, em 1998. O autor acompanhou o julgamento dos responsáveis e a tentativa dos sobreviventes de retomar uma vida normal. Os habitantes analfabetos de Lavras foram influenciados pela pregação religiosa, que os levou a aplicar os ensinamentos bíblicos de forma literal e a acreditar que eram o novo povo escolhido de Deus.



Autores: Moisés Diniz

Editora: Bagaço

Páginas: 222

Preço: R\$ 30

CRÍTICA TEATRAL

Debates são liberados no Twitter

A segunda edição do Laboratório de Crítica, projeto da UFPE, patrocinado pelo Sinpro-PE, terá a participação de Luis Reis para debater o tema “Onde está o crítico teatral?”, no dia 11, no Teatro Hermilo Borba, as 19h., com entrada franca. O público pode acompanhar as discussões no site www.olaboratório.wordpress.com ou seguir o [Twitter@olaborario](https://twitter.com/olaborario). Os debates são na segunda terça-feira de cada mês.

INTERNET

Biblioteca disponibiliza acervo fabuloso

Ao menos por curiosidade, vale a pena conferir o site da Biblioteca Digital Mundial (www.wdl.org/pt/). As informações vão de 8000aC a 2010, em diversos idiomas. O acervo engloba 1480 itens dos diversos continentes, com informações sobre história, geografia, política, economia, religião, cultura e formação social de cada país, incluindo mapas, manuscritos, fotografias, filmes, livros etc.

FUTEBOL

Livro revela bastidores de jogo para comunistas

Muitos governos ditatoriais tentaram se apropriar do futebol como instrumento facilitador da dominação das massas. Mas as “esquerdas” também usaram o mesmo expediente para alcançar seus objetivos ideológicos. É o que revela Aldo Rebelo, no livro *Palmeiras X Corinthians 1945: o jogo vermelho*, lançado pela Unesp, onde analisa o cenário político em que decorreu a histórica partida que visava angariar fundos para o PC do B.

CRÔNICA

Bruno Albertim

FLÁVIO PESSOA



Mangaba é para quem já esteve lá

Uma mulher foi vista em público chupando mangabas. Dizem que em avenida de grande circulação. Não trazia xale sobre os ombros. O corpo cobria com tecidos sóbrios. Não gostava de estampas. Conservava a elegância limítrofe dos que pouco têm para ostentar além de si próprios. Trazia a boca ainda viçosa, plena de carnes, apesar dos quase 50 anos de frutas abertas, descascadas, despidas de espinhos e sementes, chupadas das mais diversas formas. Muitas vezes, em público. Conservava alguns, mas aprendera a livrar-se de vários de seus pudores. “Pudores”, pensava ela, “são como o visco da mangaba: grudam, excitam, mas atrapalham o acesso ao sumo”.

Não pensava na família. Esquecia-se de si enquanto o látex aderente lhe temperava as mucosas. Adulterava a natureza da boca com o sêmen vegetal, viscoso e rarefeito como certos boleros. A mangaba – não se pode esquecer – carrega em si a lembrança do primeiro âmbar. Trazida dos arbustos ou da feira, a fruta, se bem percorrida com a língua, vale por um breve manual de masturbações, música atemporal e outras artes manuais. A mangaba não respeita o *chinoix*. Mangaba é para quem já esteve lá. Comungava do sentido primeiro da fruta. Antes dos espelhos, galinhas, piolhos e varíolas, as nações tupi, na ausência de mais a mais, chamavam a frutinha de “coisa boa de chupar”. Semântica que

se encaixa perfeitamente em seu batom fortemente úmido e marrom. Um prazer, entretanto, ameaçado. E não por terremotos, síndromes de pernas inquietas ou outras epilepsias sísmicas em voga no cone sul – até Caruaru tremeu. Mangabeiras são plantas indóceis, impróprias para salões e saraus. Não se deixam trocar ou vender por miçangas. Como não permitem anexação, estão ameaçadas. Possuem sementes recalcitrantes. Não suportam ressecamento. Antes, elas eram convertidas em canaviais e coqueiros. O mesmo aconteceu aos caju primevos. Hoje, são transformadas em fazendas aquáticas onde peixes não entram, alevinos estão intoxicados e de onde os camarões saem embalados a vácuo. As mangabeiras também costumam ser sepultadas para fins mais nobres, empregos gerados e alegrias familiares. Viram condomínios, resorts plenos de crustáceos fritos e pousadas que sonham com um selo Relais & Chateau. Nunca conseguirão. Serão obrigadas a receber as hordas carregando sacolas e bonés com a logomarca de qualquer operadora em 12 vezes fixas. Eles jamais pedirão um suco de mangaba. Está nos

relatórios: mais de 90% dos territórios nordestinos ocupados originalmente pelas frutinhas já foram extintos. Cerrados, tabuleiros e restingas não são os mesmos. Mas as academias confirmam os pregões dos mercados: mangaba diminui hipertensões, colesterol e diabetes. Os postigos são maiores que as janelas. Aos que não a conhecem, as instruções elementares: as frutas não devem ser ceifadas diretamente do pés. É preciso paciência de escafandrista e esperar que caiam sob a sombra rendada dos galhos. Mas não tanta. Mais de três horas, já terão passado do ponto ideal. Abandonam a maturidade. Com golpes seguros porém delicados da língua, as frutas devem ser conduzidas, uma a uma, para o interior do palato. Serão alguns segundos até que as sementes sejam expelidas pelos lábios ligeiramente arqueados. É preciso sobriedade. Deve-se evitar reações ruidosas e contorções extraordinárias nos músculos da face. O olhar não deve ser alterado. Ela sabia disso. Mas já não desfere a mesma importância. Dizem que é a última mulher a chupar mangabas no Nordeste.

SOBRE O AUTOR

Bruno Albertim é jornalista e esse texto faz parte do livro sobre frutas que o autor está preparando.